

**Faculdade Canção Nova**

Renata Sobral Pinheiro da Costa

**PEÇAS RADIOFÔNICAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

**Cachoeira Paulista  
2020**

**Faculdade Canção Nova**

Renata Sobral Pinheiro da Costa

**PEÇAS RADIOFÔNICAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Rádio e TV da Faculdade Canção Nova, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Me. Adriana Ferreira da Silva.

**Cachoeira Paulista  
2020**

Renata Sobral Pinheiro da Costa

## PEÇAS RADIOFÔNICAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Rádio e TV da Faculdade Canção Nova.

Aprovado em: \_\_\_\_\_.

Nota: \_\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Me. Adriana Ferreira da Silva (Orientadora)  
Faculdade Canção Nova

---

Profa. Dra. Vaniele Barreiros  
Faculdade Canção Nova

---

Profa. Esp. Ana Luiza Sinioghi  
Instituto Canção Nova

Cachoeira Paulista  
2020

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pois é Ele quem me sustenta a cada dia, é Ele o meu rochedo e a minha fortaleza.

Aos meus pais, Ademilton e Ione, base de quem sou hoje.

Ao meu esposo Flávio Pinheiro, meu companheiro e maior incentivador dessa conquista.

E a minha filha, Valentina, inspiradora desse conteúdo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela minha vida, pela minha vocação, pela providência em cursar essa faculdade e por me capacitar a cada dia, a fim de ultrapassar e superar todos os obstáculos encontrados.

Aos meus pais, Ademilton e Ione, que mesmo sem entender minhas escolhas e decisões, me respeitaram e ainda, à distância, me incentivaram em todos os momentos. O apoio e a motivação foram extremamente importantes para eu seguir em frente.

Aos meus irmãos, Ana Paula e Paulo Renato, que com seus exemplos de vida, me ensinam que não existem barreiras para quem tem fé e coragem de lutar.

Ao meu esposo, Flávio Pinheiro, por seu amor e, principalmente, por sua paciência e apoio. Gratidão por acreditar em mim e não duvidar de minhas capacidades.

À professora orientadora Adriana Ferreira da Silva, pela dedicação, empenho, companheirismo e disponibilidade. Por acreditar no meu potencial e incentivar na medida certa, fazendo-me ultrapassar as barreiras durante todo o processo.

A todos da Faculdade Canção Nova que, com profissionalismo, estiveram sempre prontos a ajudar e orientar no que fosse preciso.

Aos colegas do curso de Rádio TV por viverem todos os desafios deste tempo.

À Comunidade Canção Nova, à Fundação João Paulo II e à Diretoria da Faculdade Canção Nova pela oportunidade de cursar essa faculdade, a fim de proporcionar o melhor desempenho para a missão de comunicar e evangelizar.

E ao Monsenhor Jonas Abib, por acreditar e acolher os direcionamentos de Deus, fazendo com que essa Instituição de ensino se tornasse uma realidade para formar homens novos, para um mundo novo.

Pois para Deus, nada é impossível.  
Lc. 1,37

## RESUMO

A peça radiofônica é uma história com conflitos e soluções. Ela possui início, meio e fim com uma lógica que permite ao ouvinte construir tudo na mente, fazendo com que a imaginação ganhe espaço. O presente trabalho trata-se de um estudo sobre a influência das peças radiofônicas no processo de desenvolvimento das crianças, que contribuem para o seu desenvolvimento cognitivo e imaginário. Também faz-se necessário entender o desenvolvimento intelectual a partir dos estímulos auditivos e apresentar a importância dos efeitos sonoros e da paisagem sonora dentro dos programas radiofônicos infantis. O trabalho está fundamentado nas obras de: Robert Mcleish, Barbosa Filho, Erik Erikson, Maria Montessori, Judith Johnston, Maria Lúcia Aranha, dentre outros. Com o intuito de compreender a influência das peças na construção do imaginário infantil, a pesquisa apresentará peças radiofônicas e uma análise de conteúdo dessas peças, verificando a existência ou não de determinados elementos da linguagem radiofônica. A monografia terá três capítulos: o primeiro sobre peças radiofônicas; o segundo capítulo será dedicado ao desenvolvimento da criança e o terceiro capítulo será sobre a categorização dos elementos da linguagem radiofônica encontrados na análise de determinadas peças radiofônicas. Diante dos desafios atuais, este trabalho resgata uma nova possibilidade de contribuir com o desenvolvimento da criança, pois as peças radiofônicas, assim como outros estímulos auditivos, possuem um valor único para a criatividade, a oralidade e para o imaginário, não só das crianças, mas de todo aquele que escuta com atenção.

**Palavras chaves:** peças radiofônicas.paisagem sonora. desenvolvimento infantil. desenvolvimento cognitivo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1 - PEÇAS RADIOFÔNICAS .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 - Gêneros e Formatos Radiofônicos .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 - Efeitos Sonoros .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 - Paisagem Sonora .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 - Fases e etapas do desenvolvimento (de 0 a 6 anos) .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 - Alguns dos diferentes tipos de desenvolvimento.....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE PEÇAS RADIOFÔNICAS .....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 - A Bela e a Fera - Coleção Disquinho.....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 - A Flautinha Encantada - Coleção Disquinho.....</b>	<b>41</b>
<b>3.3 - A voz da Lagarta - Era uma vez um Podcast.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4 - Amizada na Selva - Me conta uma história (Alunos FCN).....</b>	<b>45</b>
<b>3.5 - Natal - Programa Maritaca.....</b>	<b>47</b>
<b>3.5.1 - Análise do Programa Maritaca no geral.....</b>	<b>48</b>
<b>3.5.2 - Análise da história Quebra Nozes dentro do Programa Maritaca.....</b>	<b>50</b>
<b>3.5.3 - Análise da história Os dois filhos do viúvo dentro do Programa Maritaca.....</b>	<b>52</b>
<b>3.6 - Quadro comparativo e o descritivo feito das peças radiofônicas.....</b>	<b>54</b>
<b>3.7 - Cruzamento dos dados.....</b>	<b>55</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>



## INTRODUÇÃO

A peça radiofônica é uma história contada com início, meio e fim, em que há conflitos e soluções destes conflitos. Segundo Mcleish (2001), ela apresenta uma lógica que permite ao ouvinte construir tudo na mente, e a imaginação ganhe espaço para criar. O texto dramático dá vida a essa construção do imaginário, porque ele apresenta personagens, descreve cenários, envolve o ouvinte na introdução do conflito, no desenvolvimento da ação e na solução de todas as coisas. Dessa forma, desperta sentimentos e emoções em quem escuta.

Pesquisadores especializados em desenvolvimento infantil relatam que as mudanças mais rápidas da vida do ser humano ocorrem durante os primeiros anos de vida. Muitos deles afirmam que os bebês são os verdadeiros cientistas, pois naturalmente eles vão descobrindo o mundo através de observações e repetições constantes. As crianças desenvolvem habilidades fundamentais, tanto no nível físico quanto psicológico e social. É uma fase na qual a criança tem uma predisposição natural para aprender. Johnston (2010) acredita que a estimulação auditiva favoreça essa evolução do imaginário e cognitivo.

Com a internet e a facilidade para acessá-la, nota-se um desaparecimento de programas de rádio para o público infantil. No entanto, peças radiofônicas encontram-se disponíveis em plataformas digitais à disposição dos pequenos. Diante dessa realidade, é preciso perguntar quais são as contribuições que as peças radiofônicas trazem para o desenvolvimento da criança? Pois, segundo Aranha (ANO), a sociedade carece de adultos bem resolvidos, porém, para isso é preciso começar com crianças bem desenvolvidas intelectualmente, psicologicamente e emocionalmente.

O presente trabalho trata-se de uma análise sobre a importância de programas radiofônicos para as crianças, que contribuem para o seu desenvolvimento cognitivo e imaginário. Também faz-se necessário entender o desenvolvimento intelectual a partir dos estímulos auditivos e apresentar a importância do roteiro, da produção e da edição, assim como dos efeitos sonoros e

da paisagem sonora, dentro dos programas radiofônicos infantis para a construção do imaginário.

A quase inexistência de programas infantis produzidos e veiculados nas emissoras de rádios brasileiras ressalta a importância da elaboração de um projeto de pesquisa acerca do tema. Sabe-se que o visual chama a atenção pelo fato da pessoa receber tudo pronto, sem esforços para criar e imaginar. Porém, o auditivo tem muito a contribuir no desenvolvimento e na eficácia da comunicação, através das ferramentas disponíveis e da qualidade de uma produção bem elaborada e rica em sonoplastia. Segundo Renata Penzani, “o programa radiofônico pode ser uma alternativa interessante para desenvolver o interesse dos pequenos por música e literatura infantil. Além disso, estimula a atenção e a concentração” (PENZANI, 2016, s/p)

No âmbito social, nota-se que a maioria dos valores morais e éticos são transferidos de geração em geração. Isso ocorre por meio da educação e cultura regional ou familiar, na qual os pais, avós, educadores, responsáveis, professores e catequistas utilizam-se das histórias, sejam elas contadas por um pessoa de forma presencial ou exibida a partir de uma produção gravada, para as crianças. Dessa forma, a curiosidade dá espaço para a imaginação e a criança expressa seus sentimentos e sua capacidade auditiva devido aos estímulos auditivos recebidos. Em contrapartida, os estímulos audiovisuais, que oferecem imagens e cores, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), podem gerar malefícios à saúde da criança e adolescente, retardando o desenvolvimento cognitivo e auditivo, ou ainda despertar transtornos e distúrbios emocionais e psicológicos (SBP, 2016, p.2).

A realização deste trabalho possibilita a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do período acadêmico por meio de disciplinas como: Psicologia da Comunicação, Roteiro de Produção de Rádio, Comunicação em Rádio, Criatividade em Comunicação, Direção em Rádio e TV, Edição em Rádio, Linguagem Musical, Metodologia, entre outros. Este trabalho visa incentivar a criação de programas radiofônicos, tanto no meio acadêmico, como no meio profissional, para o público infantil, com o propósito de respeitar as crianças e motivá-las em suas capacidades cognitivas.

A escolha do tema surgiu da percepção de que a criança, por volta dos dois anos de idade, tem a capacidade de descrever cenas, interpretar desenhos e fazer uma análise crítica daquilo que ela recebe de conteúdos audiovisuais. Diante dessa experiência pessoal, a proposta é contribuir para que a criança possa alçar voo na sua capacidade de criar e imaginar a partir daquilo que ela escuta, a fim de desenvolver o raciocínio, a percepção sensorial, a capacidade de criação e o despertar do imaginário.

É de suma importância apresentar a postura da SBP com relação à geração digital, assim como os estudos de Maria Montessori, Judith Johnston, Maria Lúcia Aranha que abordam o desenvolvimento das crianças. Faz-se necessária uma pequena introdução sobre produção e roteiro baseada em Mcleish, Prado e Barbosa Filho e Field, a fim de compreender a importância de tal estímulo auditivo.

A monografia tem três capítulos: o primeiro é dedicado a compreender as técnicas de construção e produção de peças radiofônicas; o segundo capítulo é dedicado ao desenvolvimento da criança e abarca vários estudos que ressaltam a importância de elementos sonoros no desenvolvimento da criança; e no terceiro capítulo foi realizado um estudo de caso que elencou e categorizou os elementos das peças radiofônicas dedicadas ao público infantil e a luz das teorias estudadas foi realizada uma análise, a fim de perceber a sua possível contribuição no desenvolvimento infantil.

Diante dos desafios da realidade atual, este trabalho resgata uma nova possibilidade de contribuir com o desenvolvimento da criança, pois as peças radiofônicas, assim como outros estímulos auditivos, possuem um valor único para o desenvolvimento da criatividade, da oralidade e do imaginário de todo ouvinte.

## CAPÍTULO 1 - PEÇAS RADIOFÔNICAS

Falar sobre peças radiofônicas atualmente, vai muito além de um programa na rádio. Hoje existe a internet e com ela, inúmeros recursos que favorecem outros meios de comunicação, como as mídias sociais e outras mídias que transmitem informações. Os podcasts fazem parte desse conjunto de mídias de transmissão que também se utilizam de áudios.

Mas para que as peças radiofônicas tenham êxito, é necessário aplicar alguns princípios básicos, pois segundo Mcleish (2001, p. 179) “o objetivo é ter as ideias originais recriadas na mente do ouvinte; e como o resultado final ocorre tão somente na imaginação, há poucas limitações de tamanho, realidade, lugar, estado emocional, tempo ou velocidade de transição.” O autor ainda acrescenta “o ouvinte do rádio é quem supre suas próprias imagens mentais em resposta às informações que lhe são passadas.”

A peça radiofônica trata de uma história com início, meio e fim, que possui conflitos e soluções. Os princípios básicos apresentados por Mcleish são: a ideia, construção da história, o cenário, caracterização, diálogo, layout do script, os atores, a acústica, efeitos sonoros, música e técnica de produção.

Segundo Magaly Prado (2006, p. 64) peça radiofônica “em geral, são trabalhos de radioarte e exigem equipamento de ponta.” Ou seja, necessita de uma dedicação bem especializada. Ela ainda acrescenta que “no Brasil, pouquíssimos radialistas produzem peças radiofônicas por dois motivos básicos: não existe tecnologia para produzir paisagem sonoras e nem tem espaço nas programações das emissoras para veiculação.”

No entanto, Mcleish (2001, p. 147) descreve uma simplicidade para a mesma e reconhece que o produtor faz o possível para incorporá-la na programação. Pois para o autor, “o seriado ou leitura semanal ou diária tem espaço garantido em muitos programas”. Ele ainda acrescenta que “a mesma colocação e a mesma música introdutória, uma estrutura coerente, personagens familiares e um senso de estilo

singular” também caracterizam a peça radiofônica. Mcleish afirma que “a peça radiofônica também pode ser usada em uma situação isolada para esclarecer alguma coisa.” Dessa forma, vale a pena descobrir a beleza e a capacidade de estimular o imaginário, a partir da escuta de uma peça radiofônica, no entanto, é preciso ter alguns esclarecimentos básicos sobre gêneros e formatos de programas de rádio.

### **1.1 - Gêneros e formatos**

Tratando de gêneros e formatos de programas radiofônicos, Barbosa Filho (2009, p. 71) afirma que os “termos como gênero radiofônico, formato radiofônico, programa de rádio, programação radiofônica e produtos radiofônicos são confundidos e utilizados muitas vezes como sinônimos.” No entanto, existe diferença para cada um desses termos apresentados.

Importante esclarecimento deve ser realizado sobre este trânsito conceitual, tendo em vista a demarcação de fronteiras entre gênero radiofônico e formato radiofônico e suas devidas posições no universo da programação sonora, incluindo-se o de programa de rádio, produto radiofônico e programação radiofônica. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71)

Segundo o autor, formato radiofônico “é o conjunto de ações integradas e reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos, manifestado por meio de uma intencionalidade e configurado mediante um contorno plástico, representado pelo programa de rádio ou produto radiofônico” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71 ).

Sendo assim, é importante saber que gêneros radiofônicos fazem parte da estrutura de programação de uma rádio, eles correspondem a uma classificação mais ampla e geral, visando atender às expectativas dos ouvintes. Já os formatos radiofônicos apresentam um caráter mais restrito da mensagem e podem incorporar dentro dos diferentes tipos de gêneros radiofônicos.

Magaly Prado divide os formatos radiofônicos em: programa curto, é aquele que tem duração entre um e três minutos, é chamado de programete, pílula, dropes, boletim, ou outro nome escolhido pela emissora, é como uma espécie de crônica radiofônica. Os programas de humor também pertencem ao formato de programa

curto. O formato ao vivo é dividido em dois tipos: programação ao vivo e cobertura externa ao vivo. Os gravados não são proibidos, inclusive, de acordo com a autora, entrevistas longas devem ser gravadas e depois editadas as melhores partes. Também existe o formato com participação, este pode ser com plateia, com poucas pessoas e/ou com convidados especiais, neste caso requer mais organização da equipe para as orientações necessárias. E por fim, a autora classifica como formato radiofônico programas consultores, interativos e de perguntas e respostas (PRADO, 2006, p. 67).

Barbosa Filho (2009, p. 89-144), propõe uma classificação para os gêneros radiofônicos vislumbrando a funcionalidade de cada um deles a partir das expectativas do ouvinte. Ele também divide os formatos radiofônicos de acordo com o gênero, que por sua vez estão relacionados em razão da função específica que eles possuem. Sendo assim, o autor define os gêneros radiofônicos em:

- **Jornalístico:** que apresenta diversos formatos, tais como: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica;
- **Educativo-cultural:** para o autor esse gênero é uma das colunas de sustentação da programação da maioria das rádios nacionais. Eles podem ser divididos em: programa instrucional, autobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático;
- **Gênero de entretenimento:** as características deste gênero contribuem para o universo imaginário, pois vai do real à ficção. Os formatos desse gênero possuem características e possibilidades peculiares, pois têm a capacidade de se relacionar com outros formatos de outros gêneros. Ele pode ser: programa musical, programação musical, programa ficcional, programete artístico, evento artístico e programa interativo de entretenimento;
- **Publicitário:** ou gênero comercial tem como função a divulgação e venda de produtos e serviços. Seu formato pode ser espote, conhecido pelo texto foguete, pois sua locução não passa de dez segundos; jingle, que é uma peça curta cantada, com melodia simples e de fácil compreensão, testemunhal,

que tem credibilidade dos comunicadores e o objetivo do convencimento ao público; e por último, a peça de promoção, que trata-se de uma estratégia que visa o aumento de influência junto ao público.

- Propagandístico: com o objetivo de disseminar ideias e ideologias políticas e religiosas, esse gênero possui três classificações de formatos: peça radiofônica de ação pública, programas eleitorais e programa religioso.
- Gênero de serviço: esse gênero apresenta informativos de apoio às necessidades reais e imediatas da população. Seus formatos podem ser notas de utilidade pública, programete de serviço ou programa de serviço.
- Gênero especial: dentro desse gênero está o programa infantil e o programa de variedade. Barbosa Filho (2009, p. 138) classifica “de especial o formato que não possui, conforme a metodologia empregada neste trabalho, função específica como os dos outros gêneros, mas sim, apresenta várias funções concomitantes.” O autor ainda acrescenta: “a este formato híbrido resolvemos atribuir para efeito classificatório a terminologia especial, incluindo-o num gênero multifuncional” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 138). Ainda sobre o gênero educativo-cultural, Barbosa Filho define como:

[...] uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos. No Brasil é quase totalmente encoberto no cenário de possibilidades do rádio nacional. A comercialização e conseqüente banalização dos conteúdos dos programas radiofônicos da atualidade não propiciam a criação de projetos que visem instruir e educar por meio do veículo de massa mais popular e de maior penetração na sociedade brasileira. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 109)

Para alguns autores, as peças radiofônicas infantis pertencem ao gênero educativo-cultural, porém, precisam ser resgatadas com a intenção de instruir e de colaborar com a educação. No entanto, para Barbosa Filho (2009, p. 138), o “programa infantil e programa de variedades fazem parte do gênero especial.”

Quanto a programa para o segmento infantil, Magaly Prado (2006, p. 65) defende que “todo cuidado é pouco ao se falar com crianças... se falar ou passar conceitos errados, elas aprenderão errado.” A autora faz um alerta importante “não trate a criança como adulto, falando coisas que ela não entende, mas também não subestime sua inteligência. É preciso saber dosar muito bem para acertar.” É

importante e necessário aproveitar a oportunidade “para criar gosto nesse público promissor.” (PRADO, 2006, p. 65)

Barbosa Filho (2009, p. 138) faz uma pergunta interessante que nos leva a refletir, “qual é a função de um programa infantil? Divertir? educar? informar?” E ele mesmo responde:

Está claro que um projeto para a criança, estruturado com o objetivo de enriquecimento e desenvolvimento de sua potencialidade, deverá responder afirmativamente aos três quesitos. Assim, este formato especial tem de oferecer informação sobre temas de interesse dela, muitas brincadeiras, jogos e músicas, além de radiofonização de situações e adaptações de histórias. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 138)

O autor ainda acrescenta que “os produtos de comunicação voltados para o público infantil não se direcionaram ao rádio - veículo que se bem explorado contribuiria em grande medida para a formação deste público” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 138) No entanto, com dedicação e empenho, é possível obter/elaborar projetos duradouros para as crianças no rádio.

A produção de uma peça radiofônica exige criatividade, dinamismo e sensibilidade, pois o produtor tem um papel fundamental no desempenho da mesma. De acordo com Mcleish (2001, p. 183) “o produtor pode colaborar na distribuição dos papéis, nas vozes utilizadas - por exemplo, na idade e no sotaque dos personagens, e no estado emocional, se jovial ou sinistro.” Cabe ainda ao produtor inserir a descrição do cenário, a caracterização dos personagens e o desenvolvimento do diálogo. De acordo com Mcleish (2001, p. 187), o produtor, além de cuidar da construção da história, também cuida da acústica, dos efeitos sonoros, da técnica de produção e da música, pois para Mcleish:

O produtor deverá decidir qual é o papel destinado à música: 1) Como “leitmotif”, para criar um estilo geral. [...] 2) Música escolhida simplesmente para criar o clima de uma cena. [...] 3) Música repetitiva ou de ritmo insistente [...] para marcar a passagem de tempo[...] (MCLEISH, 2001, p. 189).

Mcleish, reforça que “o produtor de peças radiofônicas não deve se limitar unicamente às prateleiras de sua discoteca, mas às vezes fazer uso de material especialmente escrito para o programa” (MCLEISH, 2001, p. 189). Ele reafirma que não precisa ser muito sofisticado, o simples e harmônico já fazem a diferença.

O autor também apresenta o roteiro, como a construção da história, que é



dividida em quatro partes: explicar a situação, introduzir um conflito, desenvolver a ação e resolver o conflito, e reforça a importância dos efeitos sonoros dentro da peça radiofônica (MCLEISH, 2001, p. 187). E como alega Cyro César, (2005, p. 59) “o radialista não deveria subestimar suas emoções, mas ser capaz de expressá-las de modo saudável à audiência que constrói.” Por esse motivo, vale a pena descobrir a contribuição dos efeitos sonoros na construção da peça radiofônica.

## **1.2 - Efeitos sonoros**

Ao ouvir os programas radiofônicos infantis é possível perceber uma junção de música, criatividade e contação de histórias, que aguçam a curiosidade e a imaginação, desde que o colorido da voz seja bem empregado. Como por exemplo, nos contos de fada, em que o narrador utiliza de uma voz doce e suave para falar da princesinha e de uma voz firme e áspera para falar da bruxa malvada. Há programas que, além de apresentar contos e causos da cultura popular brasileira e mundial, também apresentam dicas de livros infantis, brincadeiras lúdicas e um valioso repertório musical. No entanto, além de uma boa locução, também faz-se necessária uma boa sonoplastia para que a criatividade e a imaginação da criança-ouvinte sejam despertadas.

No entanto, o que é sonoplastia? “É a arte de dar plasticidade ao que se vê ou ouve através de sons - desde a música até os ruídos, que são chamados de efeitos sonoros” (MÍDIAS NA EDUCAÇÃO, 2020, s/p.). Outra definição encontrada aponta que “trata-se da comunicação pelo som, seja um ruído, música ou fala, que servirão de apoio ao programa principal” (EDUCA MUNDO, 2020, s/p.) Dessa forma, pode-se dizer que todos os efeitos que são editados fazem parte da sonoplastia. E são esses efeitos que contribuem para a construção de uma imagem, que dão suporte à imaginação do ouvinte.

Para Graziela Vianna (2011, p. 7), os elementos constituintes da peça radiofônica são: o texto e a performance da voz, a trilha musical, os efeitos sonoros, o silêncio e, por fim, o tratamento técnico dos elementos sonoros. Segundo Vianna (2011, p. 7) “a palavra escrita ao ganhar voz por meio da interpretação do locutor sugere sentidos diversos.” Vianna (2011, p.7) complementa, pois é “o texto

interpretado pelo locutor ou pelo ator é o que confere sentido ao texto.” Com relação à trilha musical, Vianna afirma que “a música pode ser utilizada com a intenção de imprimir emoções, intensificar a dramaticidade da voz ou criar paisagens sonoras – por meio da associação com imagens que fazem parte da memória do ouvinte”, assim, a peça radiofônica ganha vida e força no imaginário de quem escuta.

Os efeitos sonoros são utilizados em todos os meios de comunicação: cinema, rádio, televisão e até no teatro, com o intuito de proporcionar realismo. Segundo o Portal Educação (2014, s/p.), “os efeitos sonoros são importantes não apenas por questão técnica, mas principalmente por contribuírem de forma decisiva com a dramaticidade das cenas.” Para Vianna (2011, p. 11), “os efeitos sonoros cumprem algumas funções na sintaxe da linguagem radiofônica, como criar objetos sonoros”, ou seja, a representação de objetos reais ou imaginários. A autora acrescenta que “os efeitos sonoros podem também sugerir ambientes e cenários diversos, como por exemplo um ambiente de suspense” (VIANNA, 2011, p. 11).

No rádio, os efeitos sonoros são indispensáveis justamente pela falta da imagem, pois eles ajudam a contextualizar as falas e imaginar o cenário e os elementos que fazem parte do ambiente descrito pelo locutor. Portanto, “usar efeitos sonoros em qualquer vídeo, áudio ou performance é determinante para a forma como o ouvinte ou espectador recebe aquele conteúdo. Um simples ruído pode dar à uma cena calma um clima de suspense ou quebrar a tensão e dar um tom engraçado” (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020, s/p. )

Os efeitos sonoros agregam valores ao rádio, que por sua vez, possui inúmeras características importantes, mas tem uma característica bem interessante, que é o fato do rádio formar imagens. Segundo Robert Mcleish, “trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz.” O autor ainda acrescenta: “ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser” (MCLEISH, 2001, p. 15).

Sendo assim, os efeitos sonoros nas peças radiofônicas contribuem de forma direta e eficaz na construção das imagens que o ouvinte cria, pois são os efeitos sonoros que completam o sentido a fala e possibilitam representações simbólicas

de sensações no ouvinte, sabendo que não existe limite para essa criatividade e imaginação.

### **1.3 - Paisagem sonora**

Para melhor compreender a paisagem sonora dentro do rádio, vale a pena entender um pouco do processo de funcionamento do sistema auditivo, do que é formado o som e ainda, uma base introdutória da semiótica Peirceana, pois essa compreensão contribuirá no desenvolvimento da percepção e educação sonora, a fim de captar a paisagem sonora oferecida pelo ambiente.

Schafer, (2009, p.13) afirma que “ouvir é importante em todas as experiências educacionais [...] A escuta se dá em um processo contínuo, queiramos ou não, mas o fato de termos ouvidos não garante sua competência.” O autor acrescenta que “nada é tão básico quanto a educação dos sentidos e, entre eles, a escuta é um dos mais importantes.”

Segundo Bandoni, (2019, s/p) o “processo de funcionamento do sistema auditivo é complexo e essencial.” E para entender um pouco dessa complexidade, a autora reforça que “a anatomia do nosso sistema auditivo é extremamente complexa e pode ser amplamente dividida em duas partes: a periférica e a central.” Para Bandoni, “o sistema auditivo periférico pode ser definido como o conjunto de órgãos responsáveis por captar e transmitir o som para as vias auditivas, que fazem parte do sistema auditivo central.” Bandoni, (2019) destaca que o conjunto periférico é composto por três partes essenciais:

- o ouvido externo, que é formado pelo pavilhão auricular e canal auditivo. Seu papel é coletar, amplificar o som e enviá-lo na forma de vibrações para o tímpano.
- o ouvido médio, que é composto pelo tímpano e por três ossículos: martelo, bigorna e estribo. Essa parte do sistema auditivo amplifica e transforma as vibrações sonoras provenientes do ouvido externo em vibração mecânica.
- o ouvido interno, que é a parte mais importante do aparelho auditivo periférico e contém órgãos de audição e equilíbrio. Em termos de equilíbrio, são os

canais semicirculares que transferem as informações do movimento da cabeça para o cérebro através do nervo vestibulococlear.

Já o sistema auditivo central, de acordo com Bandoni, é formado por vias e nervos auditivos que carregam os sinais neurais para que eles sejam, finalmente, processados pelo cérebro. Assim, o processo de audição fica completo e a pessoa compreende o que está ouvindo.

Para Schafer, (2009, p. 49) “a escuta atinge lugares que a visão não alcança. Os ouvidos vêem através das paredes e do outro lado da esquina. Quando algo está escondido, o som revela sua localização e significado.” Dessa forma, é necessário aprender a ouvir os sons presentes no dia a dia. Essa percepção sonora possibilita interpretar os sons em sua volta, que por sinal, são gerados naturalmente no ambiente em que se encontram. O próprio Schafer (2009, p. 14), descreve através de sua percepção sonora, um exemplo do que venha a ser paisagem sonora de fato:

Chamo o ambiente acústico de paisagem sonora. Por esse termo, quero designar o campo sonoro completo onde quer que estejamos. É uma palavra derivada de paisagem, embora, diferentemente desta, não seja estritamente limitada ao ambiente externo. O ambiente ao meu redor, enquanto escrevo é uma paisagem sonora. Através de minha janela aberta ouço o vento roçando as folhas dos álamos. Os filhotes de passarinho acabaram de romper a casca dos ovos em seu ninho, pois é junho, e o ar está pleno de seu canto. Dentro do refrigerador, repentinamente, faz-se presente, com seu zunido penetrante. Respiro profundamente e continuo a baforar o meu cachimbo, que dá pequenos estouros enquanto fumo. Minha caneta passeia suavemente por sobre o papel vazio; o som se enrola irregularmente e, então, estala, quando pinga um “i”, ou acrescento um ponto final. (SCHAFER, 2009, p. 14)

Ramos (2019, p. 2) afirma que “o ambiente acústico pode se tornar campo de estudo, para compreender as características de uma paisagem.” De acordo com a autora, é preciso “compreender e documentar aspectos sonoros na sociedade, observando semelhanças, diferenças, tendências, simbolismos, padrões de comportamento humano em ambientes sonoros diversos no decorrer do tempo.”, pois cada movimento sonoro revela um contexto, um pertencimento a determinado ambiente.

Schafer (2009, p. 23) declara que “os sons podem ser vistos de muitos modos diferentes. Você nunca vai poder aprisioná-los em uma única categoria. Eles são polissêmicos, sempre se modificando, sempre revelando novos significados.”

Segundo o autor, existe uma variedade de sons. “Alguns sons passam por você e alguns permanecem estacionários, enquanto você passa por eles. E outros ainda, movem-se com você, enquanto você se move” (SCHAFER, 2009, p. 24).

Segundo Wisnik (2011, p. 17) “o som é o produto de uma sequência rapidíssima (e geralmente imperceptível) de impulsões e repousos (que se representam pela ascensão da onda) e de quedas cíclicas desses impulsos, seguidas de sua reiteração.” O autor esclarece que “não é a matéria do ar que caminha levando o sim, mas sim um sinal de movimento que passa através da matéria, modificando-a e inscrevendo nela, de forma fugaz, o seu desenho.” (WISNIK, 2011, p. 17)

Em relação ao som que chega aos ouvidos, Rafael Helerbrock (2008) aponta que “o som é uma onda capaz de propagar-se pelo ar e por outros meios a partir da vibração de suas moléculas, transmitindo energia, mas nunca matéria.” Helerbrock acrescenta que “os sons são percebidos por nós quando eles incidem sobre o nosso aparelho auditivo, que são traduzidos em estímulos elétricos e direcionados ao nosso cérebro, que os interpreta” (HELERBROCK, 2020). De maneira geral, Helerbrock (2008) afirma que o som possui várias características, mas as principais que distinguem um som de outro são três: altura, intensidade e timbre. Sua frequência pode ser classificada em: infrassons, ultrassons e espectro audível, que são as que os seres humanos são capazes de ouvir. Além disso, os fenômenos ondulatórios sofridos pelo som são: reflexão, absorção, refração, difração e interferência. (HELERBROCK, 2020).

Wisnik (2011, p. 18) acrescenta que “o som é presença e ausência, e está, por menos que isso apareça, permeado de silêncio. Há tantos ou mais silêncios quantos sons no som” o autor ainda aponta que “há sempre som dentro do silêncio: mesmo quando não ouvimos os barulhos do mundo, fechados numa cabine à prova de som, ouvimos o barulhismo do nosso próprio corpo produtor/receptor de ruídos” (WISNIK, 2011, p. 18).

Quanto aos sons que estão na natureza e os produzidos pelo homem, de acordo com Raphael Gaspar (2012) existem,

timbres característicos, sons naturais como os provocados pelos ventos, mares, canto de pássaros, ruídos sonoros provocados por carros e fábricas,

composição musical e até um programa de rádio. Tudo isso é responsável por sonoridades locais, que se mesclam com uma enorme quantidade de ruídos e sons diversos, fazendo surgir verdadeiras “paisagens sonoras” (GASPAR, 2012)

Gaspar (2012, s/p.), ancorado em Schafer, afirma que “os sons são responsáveis por uma representação singular de determinados ambientes acústicos e, por conseqüência, pela impregnação de sentidos no lugar.” Ele ainda acrescenta que “direcionar a atenção para o estudo da Paisagem Sonora é ressaltar a importância da constituição sonora dos lugares.” (GASPAR, 2012, s/p.)

Magalhães (2010, s/p.), partindo do pressuposto daquilo que estudiosos afirmam sobre a paisagem sonora, que pode ser qualquer porção do ambiente que possui som, independentemente se esse é real ou construção abstrata, atesta que a paisagem sonora pode ser: universal, natural, urbana, rural, humana e tecnológica. A autora também alega que:

Uma paisagem sonora é constituída de três componentes. "Sons fundamentais" aqueles ouvidos continuamente por determinada sociedade. "Sinais sonoros" qualquer som para qual a atenção é particularmente direcionada e estão em contraste com os sons fundamentais. "Marco sonoro" refere-se ao som de uma comunidade e possui qualidades que o tornam especialmente notado pelo povo desta comunidade. (MAGALHÃES, 2010, s/p.)

De maneira bem sucinta, Petri Jr (2018) reforça que “semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis que produzem de significação e de sentido. Sem informação não há mensagem, não há planejamento, não há reprodução [...]”. De acordo com Santaella (2012, p. 9-11), Peirce cria suas três categorias universais de toda experiência e de todo pensamento: Qualidade (Primeiridade), Relação (Secundidade) e Representação (Terceiridade).

- Primeiridade: corresponde ao acaso, a originalidade irresponsável e livre. Para Peirce trata-se de algo referente à consciência imediata, a pura qualidade de ser e de sentir. Por isso, trata-se de uma consciência imediata tal qual é. É uma impressão, ou seja, sentimento, não analisável, inocente e frágil. A qualidade da consciência é tão recente que não podemos sequer tocá-la sem estragá-la. que está relacionada à qualidade. É a pura presença.

- Secundidade: corresponde à ação e reação dos fatos concretos existentes e reais, para Peirce é o simples fato de estar vivo, existindo e interagindo, pois significa que a consciência está reagindo em relação ao mundo. Existir e sentir a ação de fatos externos resistindo à nossa vontade. É por isso que os fatos são denominados brutos e abruptos. Existir é estar numa relação, é tomar um lugar no universo, resistir e reagir, ocupar de um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos. Certamente, onde quer que haja um fenômeno, há também uma qualidade, ou seja, primeiridade, Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, uma vez que para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria.
- Terceiridade: diz respeito à mediação ou processo e ao crescimento contínuo, ocorre uma síntese intelectual correspondente a uma camada de inteligibilidade ou pensamento em signos através da qual se representa e interpreta o mundo. Aqui, na terceiridade, é onde aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signo, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo, o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu como lugar e tempo, aqui e agora, onde está o azul é uma fração de segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva, no caso, o azul do céu, ou o azul no céu, é um terceiro momento do pensamento.

Para a dimensão sonora, a primeiridade diz daquele barulho ou música que existem numa peça radiofônica, mas até então, sua atenção está focada na fala. No entanto, aquela música, BG ou barulho estão presentes. Quando o ouvinte percebe a existência dessa música ou barulho, e conscientemente tem uma reação positiva ou negativa em relação a esse som de fundo, automaticamente é a secundidade, porque o ouvinte reage em relação ao mundo, no caso, reage em relação à percepção dos elementos sonoros e isso gera um impacto, uma relação de causa e efeito. A terceiridade entra dentro das dimensões de percepção auditiva, quando o ouvinte faz uma reflexão daquilo que ele ouviu e relaciona a uma representação significativa guardada na memória, a fim de formar o imaginário. Percebe-se que o sistema triádico de Peirce colabora para com todo e qualquer tipo de experiência e pensamento.

Para Gaspar (2012, s/p.) “direcionar a atenção para o estudo da paisagem Sonora é ressaltar a importância da constituição sonora dos lugares.” Para Schafer chega a definição deste conceito baseado numa percepção da paisagem ou ambiência acústica representativa dos locais, em diversos períodos históricos, que compõem o cotidiano da história da humanidade (GASPAR, 2012, s/p.).

Magalhães (2010, s/p.) afirma que “a evolução da humanidade fez com que a paisagem sonora natural fosse gradativamente se transformando em paisagens sonoras artificiais ou tecnológicas.” Diante do avanço da tecnologia, a autora constata que “os sons naturais estão se tornando cada vez mais não-naturais e substituídos por sons feitos à máquina.” (MAGALHÃES, 2010, s/p.)

A autora alega que:

A paisagem sonora mundial deve ser considerada uma imensa composição musical soando incessantemente à nossa volta. Somos simultaneamente seu público, seus executantes, e seus compositores. A ecologia sonora compõe-se de inúmeros tipos de sons: agradáveis, desagradáveis, ruidosos, alegres, tristes, etc. Entretanto ela mostra-se subjetiva, no sentido de que a sua definição é resultante da experiência individual de cada um. (MAGALHÃES, 2010, s/p.)

Magalhães (2010, s/p.) ainda apresenta a paisagem sonora como:

- natural: formada pelos sons provenientes da natureza como o: vento, chuva, ondas do mar, cachoeira, trovão, e animais da selva, do fundo mar etc.
- humana: formada pelos sons produzidos pelo homem voluntária ou involuntariamente: choro, riso, grito, fala, canto, palmas, e os sons internos do corpo humano.
- tecnológica: formada pelos sons dos instrumentos tecnológicos inventados pelo homem como: carro, moto, avião, trem, sirene, telefone, auto-falante, sino, música eletrônica, etc.

Nota-se que a paisagem sonora é indispensável para a produção de uma peça radiofônica, principalmente se esta for para o público infantil, que em plena fase de desenvolvimento só precisa de estímulos auditivos para que a imaginação e a criatividade ganhem espaço ilimitado dentro de si.



## CAPÍTULO 2 - DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Atualmente, existe o desafio digital, no qual as crianças estão sendo expostas em excesso a objetos eletrônicos. De acordo com pesquisa da Sociedade Brasileira de Pediatria:

Estudos científicos comprovam que a tecnologia influencia comportamentos através do mundo digital, modificando hábitos desde a infância, que podem causar prejuízos e danos à saúde. O uso precoce e de longa duração de jogos online, redes sociais ou diversos aplicativos com filmes e vídeos na Internet pode causar dificuldades de socialização e conexão com outras pessoas e dificuldades escolares; a dependência ou o uso problemático e interativo das mídias causa problemas mentais, aumento da ansiedade, violência, cyberbullying, transtornos de sono e alimentação, sedentarismo, problemas auditivos por uso de headphones, problemas visuais, problemas posturais e lesões de esforço repetitivo (LER). (SBP, 2016, p. 2)

Além de outros problemas graves a serem considerados, como por exemplo, as “brincadeiras” ou “desafios” online que podem ocasionar consequências graves, levando a criança ou adolescente ao coma ou até mesmo à morte. Piza, diz que:

Não sou muito a favor de criança utilizando dispositivos eletrônicos. Mas no caso de rádio, acho saudável, uma vez que o papel do dispositivo é proporcionar escuta. A criança recebe informação e complementa com a imaginação. Ou então brinca e dança. É bem diferente do que ficar jogando jogos, sendo hiper estimulada e não se relacionando com o mundo.(Piza, 2016)

O autor ainda reforça o cuidado que é preciso ter para conteúdos online e a importância da presença dos pais na hora de escolher o que ouvir, o que ler e, principalmente, o que acessar. Reforçando a importância dos programas em áudio, Pezani destaca que estes:

Além de educativo, o programa de rádio pode ser uma alternativa interessante para desenvolver o interesse dos pequenos por música e literatura infantil. Além disso, por ser composto apenas por áudio, estimula a atenção e a concentração. (PENZANI, 2016 s/p)

Segundo Ramires, (2017) muitas vezes as crianças são expostas a um ambiente estático e fechado de uma sala de TV, com certeza isso é agradável e confortável, principalmente para os cuidadores responsáveis dessas crianças. A autora ainda garante que os programas de rádio oferecem uma certa liberdade, pois

podem ser ouvidos de qualquer lugar, como no quarto, enquanto brinca, ou no carro, durante um passeio com a família. Também pode ser ouvido enquanto realiza uma atividade simultânea, como por exemplo, durante a pintura de um exercício escolar ou o secar louças nas tarefas domésticas.

## **2.1 - Fases e etapas do desenvolvimento infantil (de 0 a 6 anos)**

O desenvolvimento humano acontece durante toda a vida. É o que o Idade em Desenvolvimento (2013, s/p) afirma. Desde a concepção, o ser humano vive as fases do desenvolvimento. Segundo Heloiza Castro, (2019, s/p) “Jean Piaget, elencou 4 fases do desenvolvimento infantil: sensório motor, pré-operatório, operacional concreto e operacional formal.”

De acordo com o Portal Educação, o desenvolvimento, ainda no ventre materno, é fundamental para na vida do ser humano.

Já dentro do ventre da mãe que a criança começa a vivenciar diferentes experiências que vão acompanhar durante todo o seu desenvolvimento. O feto, com apenas dois meses, já consegue perceber o humor da mãe. Tudo isso com o auxílio dos hormônios que chegam pelo cordão umbilical. No quarto mês, o feto reage aos sons e ao toque, e começa a criar afeto com a mãe. Nos últimos três meses de gestação, o bebê já é capaz de perceber muitos dos acontecimentos que ocorre ao seu redor, como sons, toques e etc. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2014, s/p.)

Segundo o Portal Educação (2013, s/p.), baseado nos estudos de Erik Erikson, o desenvolvimento humano passa por 8 estágios, e cada fase tem tensão própria do momento. Em resumo, os estágios e suas respectivas tensões são:

- Estágio 1 - “Confiança Básica versus Desconfiança Básica” (do nascimento até cerca de 1 ano).
- Estágio 2: “Autonomia versus Vergonha e Dúvida” (de 1 a 3 anos, aproximadamente).
- Estágio 3: “Iniciativa versus culpa” (dos 3 aos 5 anos). Este estágio corresponde à fase fálico-edípica de Freud.
- Estágio 4: “Indústria versus Inferioridade” (6 ao 11 anos)
- Estágio 5: “Identidade versus Difusão de papéis” (dos 11 ao final da adolescência).

- Estágio 6: “Identidade versus auto absorção ou isolamento” (dos 21 aos 40 anos).
- Estágio 7: “Geratividade versus estagnação” (dos 40 aos 65 anos).
- Estágio 8: “Integridade versus desespero” (terceira idade)

O Portal Educação (2014, s/p.) afirma que as fases de desenvolvimento da criança estão divididas em: de 0 a 2 anos: fase em que a criança está no seu período sensório motor; dos 2 aos 3 anos: fase que a criança acredita em lendas, personagens imaginários, entre outros; de 3 a 4 anos: nesta fase vem a descoberta dos órgãos genitais; dos 4 aos 5 anos: essa fase é chamada de Complexo de Édipo; e por fim, dos 5 aos 6 anos: fase em que a criança gosta de adquirir algumas responsabilidades e uma postura mais séria, independente e responsável.

Para o Mundo do ABC (2017, s/p.), é importante saber que:

- O desenvolvimento de uma criança não acontece de forma linear.
- As mudanças que vão se produzindo ocorrem de forma gradual, são períodos contínuos que vão se sucedendo e se superpondo.
- Durante a evolução a criança experimenta avanços e retrocessos, vivendo seu desenvolvimento de modo particular.
- Acompanhamos a construção de sua personalidade respeitando que em cada idade há um jeito próprio de se manifestar.
- Tanto antecipar etapas, como não estimular a criança, podem ser geradores de futuros conflitos.
- Cabe a família e a ESCOLA conhecer e respeitar os passos do desenvolvimento infantil. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Para alguns estudiosos do desenvolvimento infantil, a criança possui simultaneamente quatro tipos de desenvolvimentos: físico, intelectual, social e emocional. Cada um desses desenvolvimentos varia de uma fase para outra, conforme a capacidade de percepção e absorção. Os pesquisadores do desenvolvimento infantil, de acordo com o Mundo do ABC, dividem as fases do desenvolvimento de acordo com a faixa etária da criança. Sendo elas: 0 a 6 meses / 6 a 12 meses / 01 aos 02 anos / 02 aos 03 anos / 03 aos 4 anos / 04 aos 05 anos / 05 aos 06 anos. Dessa forma, é possível acompanhar o desenvolvimento individual nos quatro aspectos citados anteriormente.

Para o Mundo do ABC (2017, s/p.), as características da faixa etária dos 0 aos 6 meses, relacionadas aos estímulos auditivos são: no âmbito de desenvolvimento físico: a criança apresenta desenvolvimento da função auditiva; entre os 2 e os 4

meses, o bebê reage aos sons e às alterações do tom de voz das pessoas que o rodeiam; por volta dos 4-6 meses, possui já uma grande sensibilidade às modulações nos tons de voz que ouve. No âmbito do desenvolvimento intelectual: a aprendizagem faz-se sobretudo através dos sentidos; vocaliza espontaneamente, sobretudo quando está em relação; a partir dos 4 meses, começa a imitar alguns sons que ouve à sua volta; e por volta do 6º mês, compreende algumas palavras familiares (o nome dele, "mamã", "papá"...), virando a cabeça quando o chamam. No âmbito do desenvolvimento social: por volta dos 4 meses, a criança tem a capacidade de reconhecimento das pessoas mais próximas, o que influencia a forma como se relaciona com elas, tendo reações diferenciadas consoante à pessoa com quem interage. É também capaz de distinguir pessoas conhecidas de estranhos, revelando preferência por rostos familiares, isso se dá pelo fato dela já ser capaz de perceber os diferentes tons de voz. E no âmbito do desenvolvimento emocional: o choro é a sua principal forma de comunicação, podendo significar estados distintos (sono, fome, desconforto...); e apresenta medo perante barulhos altos ou inesperados, objetos, situações ou pessoas estranhas, movimentos súbitos e sensação de dor. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

As características da faixa etária dos 6 aos 12 meses, relacionadas aos estímulos auditivos, de acordo com o Mundo do ABC (2017, s/p.) são: com relação ao desenvolvimento intelectual:

- Vocalizações;
- Os gestos acompanham as suas primeiras "conversas", exprimindo com o corpo aquilo que quer ou sente (por ex., abre e fecha as mãos quando quer uma coisa);
- Alguns dos seus sons parecem-se progressivamente com palavras, tais como "mamã" ou "papá" e ao longo dos próximos meses o bebê vai tentar imitar os sons familiares, embora inicialmente sem significado;
- A partir dos 8 meses: desenvolvimento do, acrescentando novos sons ao seu vocabulário. Os sons das suas vocalizações começam a acompanhar as modulações da conversa dos adultos - utiliza "mamã" e "papá" com significado;
- Nesta fase, o bebê gosta que os objetos sejam nomeados e começa a reconhecer palavras familiares como "papa", "mamã", "adeus", sendo progressivamente capaz de associar ações a determinadas palavras (por ex: tchau-tchau" - acenar);
- A partir dos 10 meses, a noção de causa-efeito encontra-se já bem desenvolvida: o bebê sabe exatamente o que vai acontecer quando bate num determinado objeto (produz som) [...]
- A primeira palavra poderá surgir por volta dos 10 meses. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Ainda nesta fase dos 6 aos 12 meses, com relação ao desenvolvimento social, o bebê está mais sociável, procurando ativamente a interação com quem o rodeia (através das vocalizações, dos gestos e das expressões faciais). (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Castro (2019, s/p), apoiada nos estudos de Piaget, resume a fase sensório motor em:

A descoberta do corpo e das sensações acontecem por volta dos 0 aos 2 anos de idade. Nesta fase do desenvolvimento infantil, a coordenação motora é desenvolvida a partir dos estímulos que o bebê recebe, sejam desafios, espaços ou propostas lúdicas. (CASTRO, 2019, s/p)

A autora reforça que “a descoberta acontece de dentro para fora, partindo do corpo e do que podem sentir para o que podem ver, ouvir ou tocar.” Castro (2019, s/p). Nessa fase os estímulos auditivos fazem toda diferença.

Segundo o Mundo do ABC (2017, s/p.), as características da faixa etária de 1 aos 2 anos, relacionadas ao desenvolvimento intelectual: compreende ordens simples, inicialmente acompanhadas de gestos e, a partir dos 15 meses, sem necessidade de recorrer aos gestos; embora possa estar ainda limitada a uma palavra de cada vez, a linguagem do bebê começa a adquirir tons de voz diferentes para transmitir significados diferentes. Progressivamente, será capaz de combinar palavras soltas em frases de 2 palavras; é capaz de acompanhar pedidos simples, como por ex. "dá-me a caneca". Com relação ao desenvolvimento emocional, a criança nesta idade é bastante sensível à aprovação/desaprovação dos adultos. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

As características da faixa etária dos 2 aos 3 anos, em relação ao desenvolvimento intelectual, conforme o Mundo do ABC (2017, s/p.) são:

- Fase de grande curiosidade, sendo muito freqüente a pergunta "Por quê?";
- À medida que se desenvolvem as suas competências lingüísticas, a criança começa a exprimir-se de outras formas, que não apenas a exploração física - trata-se de juntar as competências físicas e de linguagem (por ex., quando faço isto, acontece aquilo), o que ajuda ao seu desenvolvimento cognitivo;
- É capaz de produzir regularmente frases de 3 e 4 palavras. A partir dos 32 meses, já capaz de conversar com um adulto usando frases curtas e de continuar a falar sobre um assunto por um breve período;
- Desenvolvimento da consciência de si: a criança pode referir-se a si própria como "eu" e pode conseguir descrever-se por frases simples, como "tenho fome";

- A memória e a capacidade de concentração aumentaram (a criança é capaz de voltar a uma atividade que tinha interrompido, mantendo-se concentrada nela por períodos de tempo mais longos);
- A criança está a começar a formar imagens mentais das coisas, o que a leva à compreensão dos conceitos - progressivamente, e com a ajuda dos pais, vai sendo capaz de compreender conceitos como dentro e fora, cima e baixo;
- Por volta dos 32 meses, começa a apreender o conceito de seqüências numéricas simples e de diferentes categorias (por ex., é capaz de contar até 10 e de formar grupos de objetos - 10 animais de plástico podem ser 3 vacas, 5 porcos e 3 cavalos); (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Com relação ao desenvolvimento social, o Mundo do ABC (2017, s/p.) afirma que a criança “é capaz de participar em atividades com outras crianças, como por exemplo, ouvir histórias.

Castro (2019, s/p), ancorada nos estudos de Piaget, define a segunda fase como pré-operatório. Ela acontece dos 2 aos 7 anos de idade. Essa fase tem a imaginação como a principal contribuinte do desenvolvimento, pois permite a personificação de objetos em brincadeiras e a criação dos divertidos faz-de-conta (CASTRO, 2019 s/p).

Já as crianças da faixa etária dos 03 aos 04 anos no âmbito do desenvolvimento intelectual, de acordo com o Mundo do ABC (2017, s/p.), compreendem a maior parte do que ouvem e o seu discurso é compreensível para os adultos; utilizam bastante a imaginação: início dos jogos de faz-de-conta e dos jogos de papéis; compreendem o conceito de "dois"; sabem o nome, o sexo e a idade; repetem seqüências de 3 algarismos. No âmbito do desenvolvimento social, a criança nesta faixa etária, preocupa-se em agradar os adultos que lhe são significativos, sendo dependente da sua aprovação e afeto. Com relação ao desenvolvimento emocional, começa a reconhecer os seus próprios limites, pedindo ajuda e no âmbito do desenvolvimento moral, as opiniões dos outros acerca de si própria assumem grande importância para a criança e elas utilizam ameaças verbais extremas, como por exemplo: "eu te mato!", sem ter noção das suas implicações. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Nota-se que tanto em Castro quanto no Mundo do ABC, as fases ou etapas do desenvolvimento infantil estão relacionadas à imaginação.

A respeito da faixa etária dos 04 aos 05 anos, o Mundo do ABC (2017, s/p.) afirma que as características com relação ao desenvolvimento intelectual são:

- Adquiriu já um vocabulário alargado, constituído por 1500 a 2000 palavras; manifesta um grande interesse pela linguagem, falando incessantemente;
- Compreende ordens com frases na negativa;
- Articula bem consoantes e vogais e constrói frases bem estruturadas;
- Exibe uma curiosidade insaciável, fazendo inúmeras perguntas;
- Compreende as diferenças entre a fantasia e a realidade;
- Compreende conceitos de número e de espaço: "mais", "menos", "maior", "dentro", "debaixo", "atrás";
- Começa a compreender que os desenhos e símbolos podem representar objetos reais. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Conforme o Mundo do ABC (2017, s/p.), em relação ao desenvolvimento emocional, o que mais chama a atenção é o fato da criança ter amigos imaginários e uma grande capacidade de fantasiar.

De acordo com o Mundo do ABC (2017, s/p.), as características da faixa etária dos 5 aos 6 anos em relação ao desenvolvimento intelectual são:

- Fala fluentemente, utilizando corretamente o plural, os pronomes e os tempos verbais;
- Grande interesse pelas palavras e a linguagem;
- Pode gaguejar se estiver muito cansada ou nervosa;
- Segue instruções e aceita supervisão;
- Conhece as cores, os números, etc.
- Capacidade para memorizar histórias e repeti-las;
- É capaz de agrupar e ordenar objetos tendo em conta o tamanho (do menor ao maior);
- Começa a entender os conceitos de "antes" e "depois", "em cima" e "em baixo", etc., bem como conceitos de tempo: "ontem", "hoje", "amanhã"; (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

As características dessa mesma faixa etária em relação ao desenvolvimento social são muitas, segundo o Mundo do ABC (2017, s/p.). No entanto, merece destaque o fato da criança apreciar conversas durante as refeições e interessar-se por saber de onde vêm os bebês.

A nível de informação, Castro (2019, s/p.) apresenta a terceira fase denominada operacional concreto, que ocorre entre os 8 e 12 anos de idade. É a fase da lógica e da matemática, em que tudo é entendido por meio de regras e padrões.

E por fim, vale ressaltar, que a quarta fase, segundo Castro, (2019) baseada na teoria de Piaget, é a fase operacional formal, que acontece a partir dos 12 anos. “Nesta fase também já está claro o que é imaginação, pensamento e realidade,

fazendo com que a arte seja importante para auxiliar a aflorar a imaginação ao mesmo tempo que estimula aspectos físicos e habilidades intelectuais.” (CASTRO, 2019 s/p).

Nota-se que o desenvolvimento do ser humano é complexo e dura a vida inteira, porém, neste trabalho a atenção será dada apenas até os 6 anos de idade.

## **2.2 - Alguns dos diferentes tipos de desenvolvimento**

Existem várias teorias que falam dos diversos tipos de desenvolvimentos que o ser humano precisa passar, em especial as crianças, assim como existem várias linhas de definição para o desenvolvimento em si, pois cada autor aborda um ponto de vista diferente. No entanto, este trabalho apresenta alguns pontos importantes a serem considerados com relação ao desenvolvimento das crianças até os 6 anos de idade.

Conforme pontualizado anteriormente, para alguns estudiosos do desenvolvimento infantil, a criança possui simultaneamente quatro tipos de desenvolvimentos: físico, intelectual, social e emocional, os quais possuem características diferentes de acordo com a faixa etária. (MUNDO DO ABC, 2017, s/p.)

Montessori (1984, p.36) afirma que a criança é como uma esponja, pois tem uma mente que absorve tudo. Inclusive, ela também afirma que “a criança é dotada de poderes desconhecidos, que podem levar a um futuro luminoso. Se pretendemos realmente alcançar uma reconstrução, o desenvolvimento das potencialidades humanas deve ser o objetivo da educação.” (MONTESSORI, 1984, p.12) Para Montessori, a criança também é detentora de conhecimentos, por essa razão, a autora defende a ideia do desenvolvimento das potencialidades. A autora assegura que:

os dois primeiros anos da vida abrem um novo horizonte, revelam leis de construção psíquica, até hoje desconhecidas. A própria criança deu-nos de presente esta revelação; fez-nos conhecer o tipo de sua psicologia que é inteiramente diversa do adulto. Eis o novo caminho! Não é o professor quem utiliza a psicologia nas crianças, mas são as próprias crianças que revelam a sua psicologia aos estudiosos.(MONTESSORI, 1984, p.13)



Montessori (1984, p.14) explica que a criança fala a língua dos pais. E acrescenta que “a criança parece seguir fielmente, um rígido programa imposto pela natureza, e com uma exatidão tal que nenhuma escola, por mais sabiamente dirigida, aguentaria um confronto.” Depois a autora complementa que “a criança, sempre seguindo este programa, aprende as irregularidades e as construções sintáticas da linguagem com uma diligência impecável. (MONTESSORI, 1984, p.14)

Para aprender ou para despertar o aprendizado em alguém, principalmente nas crianças, e para valorizar o que cada uma possui, é bom ter uma noção básica dos desenvolvimentos. E para que o aprendizado aconteça de maneira eficiente e eficaz, é preciso entender o que é o desenvolvimento intelectual. Aranha, diz que:

Desenvolvimento Intelectual são processos que desenvolvem no indivíduo a capacidade para desenvolver. Essa capacidade vai se formando na criança, à medida que ela observa, distingue, generaliza e tira conclusões. Vários fatores determinam o desenvolvimento intelectual da criança, entre eles: a potencialidade, a motivação, a interação com o meio ambiente, atendendo às tendências naturais, físicas e fisiológicas (ARANHA, 2002, p. 44).

Tomaluski (2016, p. 11), apoiada em Goldfeld (1997), afirma que “o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança inicia-se no início da vida do bebê, sendo que nesta fase, o pensamento e a linguagem estão dissociados.” Tomaluski ainda afirma, baseada em Aranha (2002), que “a linguagem, a percepção e discriminação auditiva, a percepção e discriminação visual, o esquema corporal e a lateralidade, a orientação espacial e a ordenação temporal, são funções do desenvolvimento intelectual”. (TOMALUSKI, 2016, p. 11)

Segundo Russo e Santos (1984), o desenvolvimento linguístico se acentua na infância, principalmente com as experiências sonoras, pois a partir dessas experiências a criança começa a perceber o mundo a sua volta. Além de adquirir noções da fala, é nessa fase que ela desenvolve seu vasto vocabulário. Sendo assim, os estímulos sonoros são fundamentais nesse período, até porque, naturalmente, elas tendem a associar significados aos sons.

Devido à capacidade que a criança tem de perceber o mundo a sua volta, Bronfenbrenner (2002, p. 14) ressalta que:

afirmar que o desenvolvimento humana é um produto da interação entre o organismo humano em crescimento e seu meio ambiente é afirmar o que é quase um lugar comum na ciência comportamental. (BRONFENBRENNER, 2002, p. 14)

Segundo Bronfenbrenner (2002, p. 14), “o princípio afirma que o comportamento evolui em função da integração entre a pessoa e o meio ambiente.” Para o autor, as estruturas interpessoais fazem parte do contexto de desenvolvimento de qualquer ser humano, pois “sempre que uma pessoa em um ambiente presta atenção às atividades de uma outra pessoa, ou dela participa, existe uma relação.” (BRONFENBRENNER, 2002, p. 47) O autor define essa relação como uma díade e explica que:

a díade é importante para o desenvolvimento em dois aspectos. Primeiro, ela por si só constitui um contexto crítico para o desenvolvimento. Segundo, ela serve como o bloco construtor básico do microssistema, possibilitando a formação de estruturas interpessoais maiores - tríades, tétrades e assim por diante. (BRONFENBRENNER, 2002, p. 47)

Bronfenbrenner (2002, p. 47) apresenta os tipos de díade:

- Díade observacional: ocorre quando, por exemplo, uma criança observa atentamente o que a mãe faz e essa, por sua vez, faz comentários para a criança, pois a mãe precisa valorizar a atenção sendo demonstrada;
- Díade de atividade conjunta: ocorre quando duas pessoas fazem alguma coisa juntas, em que a atividade de uma complementa a da outra. Exemplo: enquanto a mãe lê um livro para a criança, a criança comenta as figuras do livro;
- Díade primária: ocorre quando os dois membros não estão juntos, mas um tem influência no comportamento do outro, pois os dois aparecem nos pensamentos de cada um. Por exemplo, quando uma mãe e uma criança não estão juntas, mas ficam pensando no que o outro está fazendo e qual a sua reação mediante algum acontecimento.

O autor descreve algumas características de todas as díades. São três: reciprocidade, que favorece a aquisição de habilidades interativas e estimula a evolução de um conceito interdependência, que por sinal, é um passo importante para o desenvolvimento cognitivo; equilíbrio do poder, que favorece para aprender a conceitualizar e lidar com relações de poder diferenciais, colaborando para o

desenvolvimento cognitivo e social, uma vez que a criança é estimulada a manejar as relações de poder; relação afetiva, pois é provável que durante as interações se desenvolvam sentimentos afetivos, que podem ser positivos ou negativos entre os participantes. (BRONFENBRENNER, 2002, p. 47-48)

De acordo com Cunha (2020, s/p.), existe algo muito importante que é considerado um dos primeiros estímulos auditivos e que proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível, que é a literatura infantil. O fato de ler para uma criança é muito mais impactante do que se imagina. Segundo Abramovich (1997) “quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo”, simplesmente pelo fato das histórias trabalharem problemas próprios da infância, como por exemplo, medos, sentimentos de sensibilidade, carinho, curiosidade, além de outros infinitos assuntos.

Penteado (2012, p.133) afirma que “pela leitura, é possível aperfeiçoar-se a capacidade de Comunicação humana.” Partindo dessa afirmação, pode-se compreender o motivo pelo qual esse estímulo auditivo favorece no desenvolvimento da linguagem nas crianças.

O Sou Mamãe (2017, s/p.) baseado em uma pesquisa de Johnston, do ano de 2010, com o título “Fatores que afetam o desenvolvimento da linguagem”, assegura que “aprender a falar é uma das realizações mais importantes da primeira infância.” (SOU MAMÃE, 2017, s/p.) O Sou Mamãe, ainda apoiado na pesquisa de Judith Johnston, acrescenta as palavras da própria Johnston, que “o desenvolvimento da linguagem reflete a interação de fatores de pelo menos cinco domínios: são os processos sociais, perceptivos, cognitivos, conceituais e linguísticos.” Além de sua pesquisa, um grande número de estudos afirmam que o aprendizado e o desenvolvimento da linguagem são influenciados por muitos aspectos da experiência e da capacidade humana.

Duarte e Batista (2013, s/p.) apontam que, “na Primeira Infância a criança deve explorar todos os seus sentidos e, cabe ao adulto que estimule todos eles, o adulto deve apresentar a criança todas as formas de sentir o mundo.” Há várias formas de sentir o mundo e de estimular essa percepção nas crianças. Isso acontece através dos sentidos e a audição contribui muito. Nesse sentido, Duarte e

Batista (2013, s/p.) afirmam que “a música é uma forma de a criança desenvolver ritmo, harmonia, memória, fala, entre várias outras habilidades.” Diante dessa realidade de estímulos, Ferreira (2002, p. 13) diz que:

Considerada em todos os seus processos ativos (a audição, o canto, a dança, a percussão corporal e instrumental, a criação melódica) a música globaliza naturalmente os diversos aspectos a serem ativados no desenvolvimento da criança: cognitivo/ lingüístico, psicomotor, afetivo/ social. (FERREIRA, 2002, p.13)

Nghiem (2018, p. 58) faz um questionamento para refletir, “qual é a ação da música?” Além de ser um estímulo auditivo, o autor reforça que “é preciso perceber que, desde há menos de duas gerações, e graças aos meios de difusão modernos, a música invade a vida cotidiana do homem, desde a mais terna infância e em todos os níveis da sociedade.” (NGHIEM, 2018, p. 58)

O autor assegura que “a música é uma linguagem, porque ela permite a transmissão de informações de maneira complexa, modificando o humor e as emoções.” (NGHIEM, 2018, p. 58) Nghiem ainda afirma que antes pensava-se que a música só podia proporcionar divertimento, mas agora, “ela pode ser educativa, subversiva ou terapêutica.” Segundo Nghiem:

Todo mundo é consciente de que as palavras cantadas podem veicular idéias, experiências vividas, ideologias etc. Mas somente os especialistas sabem que é possível controlar a receptividade dos ouvintes, modificar seu humor, sua sensibilidade, “condicionar” alguns de seus reflexos, e até mesmo alterar sua personalidade por meio de outros elementos da música, dentre os quais o ritmo, a melodia, a instrumentação, a massa orquestral e, sobretudo, a repetição da escuta. (NGHIEM, 2018, p. 58)

O autor ainda faz um alerta: “em uma palavra, esse meio de audição, agindo como um meio de educação, de desinformação, de fluxo congestivo de informações no crânio ou de lavagem cerebral, altera a personalidade da criança.” (NGHIEM, 2018, p. 59). Nghiem esclarece ainda sobre um possível distúrbio nas crianças.

os problemas de retardos escolares decorrentes de uma anomalia da escuta. Vimos que a escuta que se faz pelos ouvidos está sob controle do cérebro, dito de outro modo, do estado de espírito do indivíduo, do aceite ou recusa, amiúde inconsciente, de escutar, ou seja, de captar, analisar, compreender e registrar a informação sonora. Assim, por exemplo, após choques afetivos repetidos, provocados por um conflito com pais “raivosos”, a criança se recusa inconscientemente a ouvi-los, pois a escuta lhe suscita um sofrimento. Então, à sua revelia, os músculos de acomodação do ouvido se distendem; e a transmissão mecânica do ouvido médio se dá de forma defeituosa, de tal modo que as mensagens (ordens, lições, conselhos) deixam de ser compreendidas e registradas. A criança mascara a fonte de

seus desagrados, a qual ela não pode afastar fisicamente. Ela ouve bem, mas não escuta; dizemos que ela “se faz de surda”. Os pediatras chamam de “guerrilha infantil”. (NGHIEM, 2018, p. 61)

Para finalizar, Nghiem (2018, p.65) afirma que:

os sons, os ruídos e as músicas foram sistematicamente estudados em laboratório [...] E se descobriu que eles podem produzir angústia, tristeza, alegria, sentimentos de perseguição, reações orgânicas como náusea e vertigem, ou estado de depressão com tendência suicida. (NGHIEM, 2018, p. 65)

O autor explica que “a vida intra-uterina é ritmada pelos ruídos dos órgãos maternos, dentre os quais o coração e sobretudo os vasos da placenta. Os ruídos do mundo exterior que chegam ao feto são filtrados pela parede abdominal da mãe, que deixa passar fundamentalmente os sons graves. O feto é capaz de ouvir a partir de seis meses. (NGHIEM, 2018, p. 68)

Nota-se que a leitura e a música contribuem no processo de aprendizagem, uma vez que são estímulos auditivos fundamentais para desenvolvimento da criança em sua totalidade.

### CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE PEÇAS RADIOFÔNICAS

Neste capítulo serão apresentadas cinco peças radiofônicas de diferentes estilos para serem analisadas. São elas: A Bela e a Fera, A Flautinha Encantada, A voz da Lagarta, Amizade na Selva e um episódio do Programa Maritaca, com o tema de Natal. Cada áudio será analisado com o intuito de valorizar o texto, o contexto e todos os efeitos sonoros existentes. Vale ressaltar que cada peça é única e possui características próprias.

De acordo com Bardin, (2016, p.42), a definição de análise de conteúdo continua sendo o conceito apresentado por Berelson, que classifica como “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”. Assim sendo, a análise apresentará uma possível interpretação das peças acima citadas.

Para Bardin, (2016, p. 42), o analista possui um trabalho bem específico:

O analista, no seu trabalho de poda, é considerado aquele que delimita as unidades de codificação, ou as de registro. Estas, consoante o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. O aspecto exato e bem delimitado do corte tranquiliza a consciência do analista. Quando existe ambiguidade na referenciação do sentido dos elementos codificados, é necessário que se definam unidades de contexto, superiores à unidade de codificação, as quais, embora não tendo sido tomadas em consideração o recenseamento das frequências, permitem contudo compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto. (BARDIN, 2016, p. 42)

Uma vez que o analista delimita as unidades a serem analisadas, Bardin afirma que “a codificação corresponde a uma transformação [...] que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 2016, p. 133)

Para a realização das análises das peças radiofônicas, serão averiguados alguns dos seguintes elementos: narrador, texto, voz dos personagens, trilha musical, efeitos sonoros e paisagem sonoras.

### 3.1 - A Bela e a Fera - Coleção Disquinho

Título: A Bela e a Fera

Ano de produção: 1960

Gravadora: Continental

Duração: 15'26''

Classificação: Infantil

Gênero: Especial

Interpretação: Teatro Disquinho

Composição e Adaptação: João de Barro

Narração: Sônia Barreto

Orquestrada: Radamés Gnattali

Personagens: Bela, Pai (mercador), 2 irmãs (mais velha e a do meio) e a Fera

A BELA E A FERA					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador		Narrador-Onisciente	X
Possui Texto		Com rimas	X	Sem rimas	
Personagens		Voz própria	X	Sem voz própria	
Diálogos		Bem construídos	X	Improvisado	
Possui fala cantada		Sim	X	Não	
Possui Trilha Musical		Sim	X	Não	
Possui variação BG		Sim	X	Não	
Possui silêncio		Sim	X	Não	
Efeitos sonoros		Muitos	X	Poucos	
Paisagem sonora		Muitos		Poucos	X

No áudio do conto “A Bela e a Fera” da Coleção Disquinho, nota-se que o narrador é onisciente, pois ele, praticamente, sabe tudo sobre o que acontece, revelando os sentimentos e pensamentos mais íntimos. Sua entonação é acentuada, favorecendo a imaginação. O texto é repleto de rimas, dessa forma valoriza a fala e

prende a atenção do ouvinte. Os personagens possuem voz própria, a fim de dar vivacidade e caracterizá-los. Os diálogos são bem construídos, ora com BG e ora sem BG.

A trilha musical varia em cada momento. Os BGs contribuem para envolver o ouvinte no enredo, seja esse harmônico e feliz, ou tenso e assustador. Há muitos momentos que não possui BG, e nota-se que é proposital, para destacar a fala e também para transmitir a sensação da ausência. Tanto os protagonistas, quanto os personagens secundários possuem momentos de canto, ou seja, momentos em que a fala é cantada, mais conhecido como musical. As falas, tanto dos personagens, quanto do narrador, exploram bem o colorido das palavras, proporcionando ao ouvinte a identificação de sensações e sentimentos variados, como por exemplo: alegria, tranquilidade, espanto, medo, susto, alívio, tensão, tristeza.

Durante toda a narrativa, é possível imaginar tudo, cada detalhe, pois tudo é muito bem detalhado pela descrição feita, ora pelo narrador, ora por um personagem. Por exemplo, quando o narrador descreve que “horas mais tarde, o mercador juntava-se à caravana que partia lentamente” e depois a descrição feita pelo mercador, “neste lugar tão deserto, Senhor, não vejo por aqui nenhuma flor.”

Os efeitos sonoros também colaboram para a construção do imaginário, quando por exemplo, o mercador arranca a rosa do jardim, e se escuta um “ai”, expressando a dor da rosa por ter sido arrancada. A junção da expressão vocal do narrador quando diz: “e da porta do palácio, veio vindo lentamente, um vulto horrível de fera que lhe disse novamente”, com o efeito sonoro que demonstra passos de aproximação, gera uma tensão no ouvinte, a fim de saber o que será que vai acontecer.

A paisagem sonora contribui para o imaginação da cena. Por exemplo, o momento em que a Bela chega no palácio da Fera e escuta os passos de aproximação.

Nota-se que todos os efeitos sonoros enriquecem a narrativa do conto e favorecem para que a criatividade e imaginação ganhe asas na mente do ouvinte, seja esse adulto ou mirim.



### 3.2 - A Flautinha Encantada - Coleção Disquinho

Título: A Flautinha Encantada

Ano de produção: 1960

Gravadora: Continental

Duração: 13'59"

Classificação: Infantil

Gênero: Especial

Interpretação: Teatro Disquinho

Composição e Adaptação: João de Barro

Narração: Sônia Barreto

Orquestrada: Radamés Gnattali

Personagens: Joãozinho, cãozinho Lulu, moço do recado, anões: Firinfifão, Firinfifeio, Firinfifim

A FLAUTINHA ENCANTADA					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador		Narrador-Onisciente	X
Possui Texto		Com rimas	X	Sem rimas	
Personagens		Voz própria	X	Sem voz própria	
Diálogos		Bem construídos	X	Improvisado	
Possui fala cantada		Sim	X	Não	
Possui Trilha Musical		Sim	X	Não	
Possui variação BG		Sim	X	Não	
Possui silêncio		Sim	X	Não	
Efeitos sonoros		Muitos	X	Poucos	
Paisagem sonora		Muitos	X	Poucos	

O áudio do conto “A Flautinha Encantada” também pertence à Coleção Disquinho. Assim como no anterior, percebe-se o narrador onisciente, pois ele, tem conhecimento de tudo o que acontece, inclusive dos sentimentos e pensamentos de

cada personagem. O narrador explora bem o colorido da voz, com uma entonação bem acentuada, favorecendo a construção de cada detalhe na imaginação do ouvinte. Os personagens possuem voz própria, dessa forma, contribui ainda mais para que os mesmos ganhem vida e características próprias na imaginação. Os diálogos são bem construídos e o texto contém muitas rimas, dessa forma valoriza a fala e faz com que o ouvinte fique atento a cada palavra. As falas, tanto dos personagens, quanto do narrador, exploram bem o colorido das palavras com uma entonação que gera derivados sentimentos e sensações ao ouvir, como por exemplo: dó, tristeza, esperança, raiva, competição, deboche, vergonha, alegria, felicidade, melancolia.

A trilha musical varia em cada momento. Há alguns momentos que não possui BG, a fim de destacar a fala e transmitir o sentimento de decepção ou a sensação de enganação, como por exemplo, o momento que o músico ambicioso troca as flautas. Existem alguns momentos que os personagens secundários possuem a fala cantada, transformando o conto em um musical, como por exemplo, o momento em que os anões se aproximam do Joãozinho e depois quando os mesmos se apresentam.

Cada detalhe é bem narrado, ora pelo narrador, ora por um personagem, favorecendo a construção de cada cena. Por exemplo, quando o personagem do recado exclama “uma flauta de bambu! Amigos, vocês ouviram o que disse o rapazinho? Vejam ele não tem medo de ir tocar lá no palácio com uma flauta de brinquedo.” E depois o narrador descreve “e Joãozinho tristemente foi andando devagar, e por fim desanimado, cansado de tanto andar, ele sentou-se quietinho em uma pedra no caminho e começou a chorar”.

Os efeitos sonoros também colaboram para o ouvinte imaginar a cena. Esses são bem representados em vários momentos do conto. Por exemplo, o som da flautinha que o Joãozinho toca, o som dos passarinhos e também quando o cachorrinho Lulu late. Também tem a representação sonora de cada instrumento musical que os anões tiram do balaio: sininho, gaita, violinha, trezinho, pianinho, tambor, reco-reco, boneco dançarino e por fim, uma flauta. Também há som de aplausos, vaías e outros efeitos.

A paisagem sonora é bem evidente, principalmente quando a banda está chegando na cidade, de longe já se ouve a bandinha se aproximando e quando ela sai, após o recado, percebe-se o som se distanciando. Também nota-se a paisagem

sonora quando o Joãozinho chega no Palácio real, as vozes das pessoas transmite claramente que o menino chegou em um lugar com muitas pessoas e cada uma balbuciando, além das vozes, também é possível perceber os instrumentos sendo afinados, reforçando que trata-se de uma competição musical. Tanto o momento em que o rapaz dá o recado na cidade, quanto o momento em que vai começar as apresentações para competição, percebe-se um leve eco, a fim de transmitir a sensação de uso de microfones ou megafones para recados.

A presença de músicas, BGs e de todos os efeitos sonoros enriquecem a narrativa do conto e favorecem para que a criatividade e imaginação sejam ilimitadas.

### 3.3 - A voz da Lagarta - Era uma vez um Podcast

Título: A voz da Lagarta

Ano de produção: 2020

Podcast: Era uma vez um Podcast

Duração: 6'48" - 5'26"

Classificação: Infantil

Gênero: Especial

Interpretação: Carol Camanho

Composição: Desconhecido

Adaptação e Narração: Carol Camanho

Personagens: Lagarta, lebre, chacao, leopardo, rinoceronte, elefante e sapo.

A VOZ DA LAGARTA					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador	X	Narrador-Onisciente	
Possui Texto		Com rimas		Sem rimas	X
Personagens		Voz própria	X	Sem voz própria	
Diálogos		Bem construídos	X	Improvisado	
Possui fala cantada		Sim		Não	X

Possui Trilha Musical		Sim	X	Não	
Possui variação BG		Sim	X	Não	
Possui silêncio		Sim	X	Não	
Efeitos sonoros		Muitos		Poucos	X
Paisagem sonora		Muitos		Poucos	X

A narrativa do conto “A voz da Lagarta” pertence ao Podcast “Era uma vez um podcast”. nota-se que o narrador é observador, pois ele narra tudo na terceira pessoa, de forma que observa e descreve todas as coisas. Essa narrativa possui vários personagens, mas um único narrador que faz todas as vozes, sendo assim, o narrador possui entonação acentuada e usa de técnica vocal para fazer a variação intertextiva, como também se utiliza de locução caricata, a fim de diferenciar e dar voz aos personagens, favorecendo a imaginação. O texto é simples e sem rimas, porém, é claro e bem construído, fazendo com que o ouvinte fique bem atento. Os personagens não têm voz própria, mas a técnica do colorido é empregada em grande quantidade pelo narrador a fim de proporcionar a variação entre os personagens. Essa interpretação do narrador diferencia cada personagens.

A trilha musical possui variações. Os BGs contribuem para envolver o ouvinte no enredo e suas variações têm o intuito de gerar dramaticidade e emoção. Há um pequeno trecho que não possui BG, e nota-se que é proposital, para transmitir a sensação de suspense e medo.

A variação das vozes durante toda a narrativa, proporciona ao ouvinte a possibilidade de imaginar cada personagem e cada detalhe da cena, pois tudo é muito bem detalhado pela descrição feita pelo narrador. Por exemplo, quando o narrador descreve que “Era uma vez, uma lagarta que saiu para passear e chegou a uma caverna” e também quando o narrador cria uma locução caricata para dar voz ao personagem da lagarta, como no momento em que diz “não estou vendo ninguém lá dentro. Vou entrar.” E depois o narrador acentua a voz da lagarta, a fim da mesma impor uma superioridade quando narra “sou eu que esmago rinoceronte na terra e piso em elefantes até virarem pó.” Todas as entonações demonstram dinamismo e prendem a atenção do ouvinte.

Os efeitos sonoros são bem discretos, nota-se pouquíssimos no decorrer da narrativa, o momento em que mais se destaca, é o momento do rinoceronte.

Notam-se alguns efeitos de fortes pisadas, para representar que o animal é grande, forte, pesado e que tem os pés bem gigantes. Esse efeito sonoro contribui para que o ouvinte imagine o personagem na cena.

A paisagem sonora é inexistente, pois essa narrativa é bem singela.

Nota-se que o que enriquece a narrativa do conto e favorece para a criatividade e imaginação dos ouvintes é a variação das vozes criada pelo narrador, que com criatividade consegue dar vida a cada personagem e deixar a história cheia de dinamismo.

### 3.4 - Amizada na Selva - Me conta uma história (Alunos FCN)

Título: Amizade na Selva

Ano de produção: 2018

Gravado nos estúdios da Faculdade Canção Nova

Duração: 13'17''

Classificação: Infantil

Gênero: Especial

Interpretação: Alunos da Faculdade Canção Nova

Composição e Adaptação: Alunos da Faculdade Canção Nova

Narração: Alunos da Faculdade Canção Nova

Redação e Direção: Waldir Fagundes

Produção: Giusliani Maria e Marcio Henrique

Edição: Marcio Henrique e Waldir Fagundes

Gravação: Rodrigo César

Personagens: Zuki (Leão), Nyara (Leoa), Mofati (Leão), Kimba (Leão), Chitana (Leoa), Hiena e os Búfalos: Valentin, Rúfalos e Chaka.

<b>AMIZADE NA SELVA</b>					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador		Narrador-Onisciente	X
Possui Texto		Com rimas		Sem rimas	X

Personagens		Voz própria	X	Sem voz própria	
Diálogos		Bem construídos	X	Improvisado	
Possui fala cantada		Sim		Não	X
Possui Trilha Musical		Sim	X	Não	
Possui variação BG		Sim	X	Não	
Possui silêncio		Sim		Não	X
Efeitos sonoros		Muitos	X	Poucos	
Paisagem sonora		Muitos	X	Poucos	

O áudio da história “Amizade na Selva” foi totalmente produzido pelos alunos de Rádio TV da Faculdade Canção Nova. Percebe-se o narrador onisciente, pois ele sabe de tudo o que acontece, inclusive dos sentimentos, pensamentos e reações de cada personagem. O narrador possui colorido da voz e entonação moderada, favorecendo a construção da cena e dos personagens na imaginação do ouvinte. Diferente das outras histórias analisadas, essa possui uma abertura e um encerramento construídos pela locução de uma voz masculina, sendo que na abertura existem várias vozes infantis que enriquecem a expectativa da peça radiofônica. Os personagens possuem voz própria, com o intuito de contribuir ainda mais para que os mesmos ganhem vida e características próprias na imaginação. Os diálogos são bem construídos e o texto contém muita criatividade. Apesar de um pequeno sotaque, as falas, tanto dos personagens, quanto do narrador exploram bem o colorido das palavras, e a entonação de cada personagem gera demonstração de características próprias de cada um, por exemplo, nota-se que o Kimba é mais autoritário, o Zuki é bonzinho, a Chitana é toda amorosa e assim por diante. A forma como é narrado também provoca várias sensações no ouvinte, como por exemplo: preocupação, bondade, medo, raiva, autoritarismo, competição, vergonha, alegria, felicidade, melancolia.

A trilha musical varia o tempo todo. Há BG em todos os momentos e os mesmos representam bem o ambiente de selva, principalmente pelo fato de possuírem características africanas. Também há momentos em que o BG gera ação e sensação de dramaticidade.

Tanto o narrador quanto os personagens narram cada detalhe, fazendo com que cada cena seja bem construída. Por exemplo, quando o narrador descreve Kimba, dizendo: “era Kimba, o líder do bando, ele tinha a maior e mais bonita juba entre todos os leões. Além de ser conhecido por ser o leão mais temido de todos.” Com essa narração dá para imaginar o empoderamento de Kimba. Também quando o personagem Mofati diz: “olha lá, uma zebra, vamos pegá-la!” Nestas falas é possível imaginar a descrição tanto do personagem, quanto da ação que a cena proporciona.

Nesta peça radiofônica existem muitos efeitos sonoros que enriquecem ainda mais a história e colaboram para a criatividade de quem escuta. Esses são bem representados em vários momentos da narrativa. Alguns exemplos de efeitos sonoros de animais são: rugido de leão, elefante, macaco, búfalo, pássaros, galinha, vaca, hienas, dentre outros. Mas também existe representação sonora de assovio, de galope, pegadas, respiração de animais, bater de dentes, animais correndo e outros sons, inclusive alguns mais engraçados.

A paisagem sonora é bem explícita durante toda a narrativa, mesmo quando há o diálogo entre os leões, existe barulho de outros leões, caracterizando a existência de um bando. Também durante a maioria das falas é possível perceber o cantar dos passarinhos, representando que eles estão numa selva. Outro momento relevante de paisagem sonora é quando eles chegam num rio, pode-se notar o barulho da água, remetendo o ouvinte à cena.

A narrativa com a entonação de voz adequada, juntamente com todos os efeitos sonoros, BGs e paisagem sonora enriquecem a história e garante que a criatividade e imaginação não tenham fim na mente do ouvinte.

### **3.5 - Programa Maritaca**

Título: Natal

Ano de produção: 2019

Programa: Programa Maritaca

Duração: 29'33”

Classificação: Infantil

Gênero: Especial

Locução: Maricota

PROGRAMA MARITACA					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador		Narrador-Onisciente	X
Possui Texto		Com rimas		Sem rimas	X
Personagens		Voz própria	X	Sem voz própria	
Diálogos		Bem construídos		Improviso	X
Possui fala cantada		Sim		Não	X
Possui Trilha Musical		Sim	X	Não	
Possui variação BG		Sim	X	Não	
Possui silêncio		Sim		Não	X
Efeitos sonoros		Muitos	X	Poucos	
Paisagem sonora		Muitos		Poucos	X

### 3.5.1 - Análise do Programa Maritaca no geral

Diferentemente das análises anteriores, essa não é apenas uma história, conto ou peça radiofônica, trata-se exatamente de um programa de rádio para o público infantil. E assim como a maioria dos programas de rádios, este possui um locutor, alguns quadros e muita música.

O programa começa com um jingle com o seu nome que diz: “Maritaca toca tudo, Maritaca conta histórias e agora a Maritaca vai voar”, totalmente personalizado, em seguida, o locutor se apresenta rapidamente, dizendo apenas “eu sou a Maritoca” e depois aparece uma voz de criança dizendo “a Maritaca está no ar!”

Após a abertura, o locutor começa apresentando o tema e faz uma leitura com informações relevantes sobre o mesmo, utilizando apenas uma entonação branca, mas de excelente dicção. Além de falar que o Natal é o nascimento de Jesus, a locutora também fala do costume tradicional das reuniões familiares. Depois a



locutora explica um pouco sobre a história do “Quebra Nozes” que o escritor alemão Ernst Hoffmann escreveu há mais de 200 anos. Essa história foi transformada em música clássica pelo músico russo Tchaikovsky, e desde então, tornou-se um clássico do ballet. Inclusive, enquanto a locutora fala, essa música está como BG, e tem momentos que ela faz uma pausa para subir o BG, a fim de valorizar a música. Depois a locutora apresenta a cordelista Mariane Bigio que criou um cordel e lançou um livro contando essa história.

Depois de toda introdução realizada pela locutora, uma voz de criança anuncia que “o som da história vai começar” e de fato, inicia-se a narração da história do “Quebra Nozes” por Mariane Bigio.

Em seguida, a locutora chama a participação de crianças de diversos lugares do mundo para contar como é o Natal no lugar onde elas moram. A primeira participação é de Beatriz e Zoe, que moram na Austrália, elas partilham das tradições do país e contam que lá o Natal é muito quente. Assim que elas terminam, a locutora anuncia uma música que fala da tradição natalina australiana. Depois da música, entra a participação da Mina, diretamente de Berlim na Alemanha, a menina fala algumas coisas das tradições natalinas e dá uma “palhinha” cantando a principal música de Natal do país, nesse momento o BG é retirado para valorizar a voz da cantora mirim e assim que ela pára de cantar, entra a música original. A terceira participação é do Inácio no Canadá. Ele fala que o Natal lá é muito branco, cheio de neve e fala, resumidamente, de uma lenda local do Froster, em seguida entra uma música que se refere a lenda contada. Depois o Gorca e a Lua contam a história do Natal nos Países Bascos na Espanha, eles falam de uma crença local e cantam o pedacinho de uma música tradicional, em seguida toca-se a música inteira no programa. Agora entra uma participação do Equador com a Maria Carolina, que fala das tradições natalinas do país, que por sinal, são as que mais se assemelham ao Brasil. Após a participação da Maria, entra uma música do país local. Depois o Lorenzo fala de Dubai e explica um pouco de como é o Natal lá. Como é um país de muçulmanos, eles não acreditam no Natal, então este, se resume a figura do Papai Noel. Em seguida a locutora diz que, exatamente por esse motivo, ela não encontrou uma música dessa região, relacionada ao Natal.

Depois de todas as participações das crianças de diversos lugares do mundo, o programa traz uma espécie de bônus, pois entra uma voz de criança dizendo: “e a surpresa é: ouve a história”. Em seguida a locutora anuncia a participação de

Penélope Martins que conta uma história de sabedoria popular, com o título de “Os dois filhos do viúvo” que fala sobre o tradução popular de trocar presentes no natal.

Depois da história “Os dois filhos do viúvo”, a locutora anuncia uma música bem brasileira que conta um pouco da história de Jesus, ela ainda acrescenta que, “independentemente da sua religião, se acredita ou não, o Natal é uma boa data para a gente celebrar o encontro e o amor.” Depois começa a música Calix Bento de Milton Nascimento.

O programa finaliza com a locutora dizendo: “quem falou foi a Maritoca e a Maritaca sai do ar.”

A trilha musical é bem diversificada e possui muitas variações. Os BGs contribuem para envolver o ouvinte no clima natalino e suas variações tem o intuito de diferenciar os variados momentos do programa, como por exemplo: momentos de contação de histórias, momentos de locução e momentos com a participação de convidados. Há um pequeno trecho que não possui BG, e nota-se que é proposital, para se ouvir a criança que canta o trequinho de uma música. O programa contou com a participação de oito crianças, representando seis países diferentes, são eles: Beatriz e Zoe da Austrália; Mina da Alemanha; Inácio do Canadá; Gorca e Lua dos Países Bascos; Maria Carolina da Equador e Lorenzo de Dubai. O programa ainda apresentou um total de sete músicas e duas histórias.

Os efeitos sonoros são bem recatados, nota-se alguns no decorrer do programa, o principal é o som da Maritaca, a fim de caracterizar o momento que fala o nome do programa, depois aparecem alguns efeitos de sinos, que juntamente com os BGs natalinos, representam bem a época do Natal. Há alguns efeitos dentro das histórias, mas estes serão apresentados posteriormente.

A paisagem sonora é praticamente inexistente, pois o programa é enriquecido pela variação dos BGs.

### **3.5.2 - Análise da história Quebra Nozes dentro do Programa Maritaca**

Título: Quebra Nozes

Duração: 4'17" (Início 2'46" - Termino 7'03")

Interpretação: Penélope Martins

Composição e Adaptação: Penélope Martins

Narração: Penélope Martins

Personagens: Clara, padrinho da Clara, sobrinho do Mago, irmão de Clara, a fada açucarada e a madame bombom.

<b>QUEBRA NOZES (Programa Maritaca)</b>					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador		Narrador-Onisciente	X
Possui Texto		Com rimas	X	Sem rimas	
Personagens		Voz própria		Sem voz própria	X
Diálogos		Bem construídos	X	Improviso	
Possui fala cantada		Sim		Não	X
Possui Trilha Musical		Sim	X	Não	
Possui variação BG		Sim	X	Não	
Possui silêncio		Sim	X	Não	
Efeitos sonoros		Muitos	X	Poucos	
Paisagem sonora		Muitos		Poucos	X

A história do “Quebra Nozes” tem o narrador onisciente, pois ele sabe praticamente tudo dos personagens e dos pensamentos. A história também possui vários personagens, são eles: Clara, padrinho da Clara, sobrinho do Mago e o irmão de Clara. Também tem duas personagens do sonho: a Fada Açucarada e a Madame Bombom. No entanto, um só narrador que faz a voz de todos, sendo assim, os personagens não têm voz própria, mas a técnica do colorido, a locução caricata e a entonação acentuada são utilizadas pelo narrador, a fim de proporcionar a diferenciação dos personagens.

O texto do “Quebra Nozes” é simples, porém rico em rimas e bem construído, fazendo com que o ouvinte fique bem atento.

A trilha musical possui variações. Os BGs contribuem para envolver o ouvinte no enredo e posicioná-los no clima natalino. Há um pequeno trecho que possui ausência de BG, para destacar a reprovação do irmão de Clara, com relação ao presente que o padrinho deu a ela, e o conflito que isso gerou entre os dois. Depois

há um outro momento de silêncio para transmitir a sensação de suspense e medo em meio ao sonho que Clara teve.

Os efeitos sonoros existem, embora sendo poucos, eles valorizam a história. O que mais se destaca é o barulho do papel de presente, momento em que Clara abre o presente recebido de seu padrinho. Mas também, existe o som dos sinos natalinos, de alguma coisa que cai e quebra. Também há o som de choro e de estrelinhas mágicas, para simbolizar a magia do boneco se transformando em gente. Esses efeitos sonoros colaboram para enriquecer a história na mente de quem escuta.

Não existe paisagem sonora nesta história, pois a narrativa é caracterizada pela variação dos BGs.

Nota-se que a narrativa é enriquecida pela entonação do narrador e pela variação do BG, que favorecem para a criatividade e imaginação dos ouvintes.

### 3.5.3 - Análise da história Os dois filhos do viúvo dentro do Programa Maritaca

Título: Os dois filhos do viúvo

Duração: 2'15" (Início 23'30" - Término 25'45")

Interpretação: Mariane Bigio

Composição e Adaptação: Mariane Bigio

Narração: Mariane Bigio

Personagens: Pai, filho pessimista, filho otimista, vizinha.

OS DOIS FILHOS DO VIÚVO (Programa Maritaca)					
Narrador-Personagem		Narrador-Observador		Narrador-Onisciente	X
Possui Texto		Com rimas		Sem rimas	X
Personagens		Voz própria		Sem voz própria	X
Diálogos		Bem construídos	X	Improvisado	
Possui fala cantada		Sim		Não	X

Possui Trilha Musical		Sim		Não	X
Possui variação BG		Sim		Não	X
Possui silêncio		Sim		Não	X
Efeitos sonoros		Muitos		Poucos	X
Paisagem sonora		Muitos		Poucos	X

A história “Os dois filhos do viúvo” tem o narrador onisciente, pois ele conhece os personagens e suas características. A história possui um narrador que faz a todas as vozes. Nota-se que o narrador usa a técnica do colorido e uma entonação mais discreta e apresenta uma voz rouca, porém, com boa dicção.

O texto é simples e bem construído, mas deixa a impressão de que faltou um desfecho mais completo.

A trilha musical não possui variações. Apresenta apenas dois BGs, ambos de músicas clássicas. Porém, entre um BG e outro, existe um pedaço em branco, que passa a sensação de descuido na edição.

Por ser uma narrativa mais rápida, os efeitos sonoros e a paisagem sonora estão totalmente ausentes. No entanto, a história é valorizada pelo enredo que desperta curiosidade em quem escuta.

### 3.6 - Quadro comparativo das peças radiofônicas

PEÇAS RADIOFÔNICAS E A APLICAÇÃO DOS ELEMENTOS SONOROS								
		A Bela e a Fera	A Flautinha Encantada	A voz da Lagarta	Amizade na Selva	Programa Maritaca		
						Programa	Quebr a Nozes	Os dois filhos do viúvo
Narrador	Personagem							
	Observador			X				
	Onisciente	X	X		X	X	X	X
Possui Texto	Com rimas	X	X				X	
	Sem rimas			X	X	X		X
Personagens	Com voz própria	X	X	X	X	X		
	Sem voz própria						X	X
Diálogos	Construídos	X	X	X	X		X	X
	Improvisado					X		
Possui fala cantada	Sim	X	X					
	Não			X	X	X	X	X
Possui Trilha Musical	Sim	X	X	X	X	X	X	
	Não							X
Possui variação BG	Sim	X	X	X	X	X	X	
	Não							X
Possui silêncio	Sim	X	X	X			X	
	Não				X	X		X
Efeitos sonoros	Muitos	X	X		X	X	X	
	Poucos			X				X

Paisagem sonora	Muitos		X		X			
	Poucos	X		X		X	X	X

### 3.7 - Cruzamento dos dados

Durante todo o levantamento de dados das histórias infantis, é possível perceber muita coisa em comum entre eles. Nota-se que todos se enquadram na classificação apresentada por Barbosa Filho, gênero especial, pois como diz o autor, “a este formato híbrido resolvemos atribuir para efeito classificatório a terminologia especial, incluindo-o num gênero multifuncional” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 138).

Em todas as histórias, desde a mais elaborada com muitos efeitos sonoros, como por exemplo “A Flautinha Encantada”, como nas mais simples, a história “Os dois filhos do viúvo”, é possível perceber a atuação do produtor, pois de acordo com Mcleish (2001, p. 183) “o produtor pode colaborar na distribuição dos papéis, nas vozes utilizadas - por exemplo, na idade e no sotaque dos personagens, e no estado emocional, se jovial ou sinistro.” Cabe ainda ao produtor inserir a descrição do cenário, a caracterização dos personagens e o desenvolvimento do diálogo. De acordo com Mcleish (2001, p. 187), o produtor, além de cuidar da construção da história, também cuida da acústica, dos efeitos sonoros, da técnica de produção e da música. E isso pode ser notado de forma mais acentuada nas peças radiofônicas A Bela e a Fera, a Flautinha Encantada, Amizade na Selva e Quebra Nozes, pois essas peças radiofônicas vêm ao encontro ao que Piza (2016, s/p.), afirma, quando se posiciona a favor do rádio, pelo fato dele proporcionar a escuta e o ouvinte, no caso a criança completar com a imaginação as informações recebidas. Dessa forma, o trabalho do produtor, quando pensa em cada detalhe, desde o cenário até a construção dos efeitos, favorece para a construção desse imaginário. Pezani (2016, s/p.) complementa dizendo que esse hábito de escuta pode desenvolver o interesse dos pequenos por música e literatura infantil, uma vez que os mesmos são motivados pelas peças radiofônicas a avançarem cada vez mais. A história, o diálogo e a descrição do cenário remetem ao interesse pela leitura, enquanto a trilha sonora, os efeitos e a paisagem sonora despertam o interesse pela música. Afinal, o Portal Educação (2014, s/p.) afirma, baseado nos estudiosos sobre o assunto, que desde o quarto mês, o feto já reage aos sons e ao toque, e no final da gestação o

bebê já é capaz de perceber muitos acontecimentos conforme os sons. Para Nghiem (2018, p.68) “a vida intra-uterina é ritmada pelos ruídos dos órgãos maternos, dentre os quais o coração e sobretudo os vasos da placenta.” O autor ainda acrescenta que com 6 meses o feto é capaz de ouvir.

Castro (2019, s/p.) afirma, apoiada nos estudos de Piaget, que a fase dos 2 aos 7 anos é a fase da imaginação e do faz de conta. O Mundo do ABC (2017, s/p.) também assegura essa capacidade de imaginação que a criança tem, por isso, a contação de histórias nessa fase é importante, pois contribuirá nessa habilidade que a criança tem por natureza. Diante das peças radiofônicas em análise, destaca-se A voz da Lagarta, como exemplo, pelo fato de uma só pessoa fazer todas as vozes, tanto do narrador como de todos os personagens, isso colabora para aguçar o raciocínio, a fim de proporcionar a identificação de cada personagem pois, de acordo com a teoria montessoriana, a criança tem uma mente absorvente, dessa forma, ela é capaz de absorver todas as coisas que lhes são apresentadas, a fim de desenvolver cada vez mais suas capacidades naturais. Assim, os estímulos auditivos potencializam o desenvolvimento que naturalmente as crianças já trazem em si.

O que diferencia na produção de cada história é a quantidade e variedade de recursos auditivos dedicado a cada peça radiofônica, no entanto, também é necessário levar em consideração a intenção que existe por trás de cada uma. Portanto, os aspectos de produção, quando pensados em detalhes, enriquecem o repertório da criança e favorecem a compreensão, ou seja, quanto mais detalhado for o cenário, as características de cada personagem, os efeitos sonoros que representam animais ou ruídos, mais a criança terá condições de criar em sua mente e formar as imagens. Isso porque, de acordo com os profissionais do Mundo do ABC (2017, s/p.), em relação ao desenvolvimento emocional, chama a atenção o fato da criança ter amigos imaginários e uma grande capacidade de fantasiar, isso é extremamente saudável para a fase dos 4 aos 5 anos, e as peças radiofônicas bem elaboradas contribuirão de forma positiva.

Nota-se que a equipe de produção da peça radiofônica intitulada “Amizade na Selva” teve muito mais trabalho e dedicação de tempo do que a história “A Voz da Lagarta”, uma vez que para produzir o Amizade na Selva, eles tiveram que pensar quem seriam os convidados atores para fazer a voz de cada personagem, quais seriam os BGs utilizados, quais os efeitos sonoros a serem incluídos, em que



momento esses efeitos aparecem com maior evidência, estudar e avaliar qual o tipo de paisagem sonora, a construção da história, a descrição do cenário, a caracterização dos personagens etc. Enquanto em *A Voz da Lagarta*, o produtor não precisou se preocupar com convidados atores para fazer os personagens, pois uma só pessoa fez tudo, não houve uma variação de efeitos sonoros, então foi necessário dedicar tempo na pesquisa e elaboração desses efeitos, não houve paisagem sonora, apenas uma variação de BG. No entanto, ambos possuem seu valor devido à intencionalidade. Em *Amizade na Selva* existe uma intenção de envolver a criança nesse ambiente imaginário, gerando sensação de estar no ambiente descrito, já o conto *A Voz da Lagarta* a intenção é a contação de história realizada por uma mãe, professora, ou outra pessoa, de uma forma que prenda a atenção da criança pela variação de entonação da voz. Cunha (2020, s/p.) afirma que a literatura infantil colabora de maneira impactante no desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança.

Segundo Bronfenbrenner (2002, p.47), as crianças têm a capacidade de se desenvolverem a partir de uma díade, ou seja, através de uma relação. Essa relação pode ser observacional, de atividade ou primária. Dessa forma, pode-se sustentar que a criança vai evoluir por ouvir a mãe ou responsável contando histórias, primeiro observando, depois interagindo e por último imitando, quando estiver sem o adulto por perto. Aranha (2001, p.44) afirma que a potencialidade, a motivação, a interação com o meio ambiente, fazem com que as crianças alcancem um desenvolvimento intelectual. Então o fato de ouvir histórias gera a possibilidade de um avanço no desenvolvimento.

Ao observar o quadro comparativo de todas as peças radiofônicas analisadas, percebe-se que todos os textos e diálogos foram bem construídos. Alguns textos com rimas, como é o caso do *A Bela e a Fera*, *A Flautinha Encantada* e *o Quebra Nozes e os demais sem*. No entanto, esse detalhe não desmerece a boa construção do texto e tampouco dos diálogos que não se encontram soltos e sem sentido. Isso se dá pelo que Mcleish (2001) apresenta, pois o roteiro da construção da história é dividido em quatro partes: explicar a situação, introduzir um conflito, desenvolver a ação e resolver o conflito. Essas dicas contribuem para a elaboração de um trabalho de qualidade. Apenas o Programa *Maritaca em si*, apresenta um texto de improviso, por se tratar de um locutor, que embora com uma lauda em suas mãos, acaba improvisando. De acordo com Oliveira (2018, s/p.), as rimas possuem um valor

educativo, pois “elas são excelentes para ajudar as crianças a desenvolverem habilidades linguísticas iniciais, aumentando a consciência de ortografia e de fonemas – que são essencialmente os sons que compõem as palavras.” Oliveira ainda afirma que “cheias de ritmo, sensibilidade e musicalidade, as rimas são perfeitas para apresentar os pequenos à literatura, fortalecer os vínculos familiares e... auxiliar na alfabetização infantil!”. Dessa forma, as rimas apresentam ritmo e musicalidade. Com efeito, Duarte e Batista (2013, s/p.) afirmam que “a música é uma forma de a criança desenvolver ritmo, harmonia, memória, fala, entre várias outras habilidades.” Ou seja, a rima favorece a musicalidade e ritmo, e a música reforça não só o desenvolvimento do ritmo, mas da memória, da fala e de outras potencialidades que a criança traz em si.

No quadro comparativo, nota-se a existência de vários elementos próprios de uma peça radiofônica. E de acordo com Graziela Vianna (2020, p. 7), “os elementos constituintes da peça radiofônica são: o texto e a performance da voz, a trilha musical, os efeitos sonoros, o silêncio e, por fim, o tratamento técnico dos elementos sonoros.” Ela ainda afirma que “a palavra escrita ao ganhar voz por meio da interpretação do locutor sugere sentidos diversos.” Vianna (2020, p.7) complementa, pois é “o texto interpretado pelo locutor ou pelo ator é o que confere sentido ao texto.”

Conforme a afirmação de Vianna (2020, p.7), pode-se dizer que todos os textos ganharam sentido, pois foram bem interpretados, ora pelo narrador, ora pelos atores. Russo e Santos (1984) afirmam que o desenvolvimento linguístico se acentua na infância, principalmente com as experiências sonoras, pois além de perceber o mundo a sua volta, a criança ainda adquire noções da fala e desenvolve seu vasto vocabulário. Ou seja, quanto mais a criança escuta e recebe estímulos para isso, mais ela avança no desenvolvimento intelectual, não só da fala, mas de tudo que envolve comunicação, seja essa por palavras ou gestos. A performance da voz pode ser percebida em três aspectos: através da técnica do colorido da voz, que com exceção do locutor do Programa Maritaca em si, todos se utilizam bastante do colorido da voz. Através da entonação, a qual apresenta-se acentuada para as peças A Bela e a Fera, A Flautinha Encantada, A Voz da Lagarta e o conto do Quebra Nozes; já para as peças Amizade na Selva e para o Programa Maritaca em si, apresenta-se moderada e de forma mais discreta, a entonação aparece no conto Os dois filhos do viúvo. E por fim, a performance da voz se apresenta através da

locução caricata, porém, esta se apresenta apenas em *A Voz da Lagarta* e no conto *Quebra Nozes*. As falas cantadas encontradas, tanto na *A Bela e a Fera* quanto na *A Flautinha Encantada*, também valorizam a interpretação do texto realizado pelos atores. Pois, segundo Nghiem, 2018, p. 58) “a música é uma linguagem, porque ela permite a transmissão de informações de maneira complexa, modificando o humor e as emoções.” E as falas cantadas encontradas nas peças radiofônicas também transmitem informações e geram nos ouvintes sensações variadas.

Com relação à trilha musical, Vianna (2020) afirma que “a música pode ser utilizada com a intenção de imprimir emoções, intensificar a dramaticidade da voz ou criar paisagens sonoras – por meio da associação com imagens que fazem parte da memória do ouvinte”. Sendo assim, nota-se no quadro comparativo a existência efetiva da trilha musical, que aparece em todas as peças radiofônicas, através da variação de BGs, que por sua vez, contribui muito para intensificar a dramaticidade, despertando nos ouvintes os mais variados sentimentos e sensações. Com exceção do conto *Os dois filhos do Viúvo*, todos possuem trilha musical e BG variados, a única distinção é o *Programa Maritaca*, que por se tratar de um programa de rádio mesmo, contém sete músicas completas. No entanto, ao observar a paisagem pois para Magalhães (2010, s/p.), a paisagem sonora pode ser: universal, natural, urbana, rural, humana e tecnológica.

De acordo com o Portal Educação (2014, s/p.), “os efeitos sonoros são importantes não apenas por questão técnica, mas principalmente por contribuírem de forma decisiva com a dramaticidade das cenas.” E segundo Vianna (2020, p.11), “os efeitos sonoros podem também sugerir ambientes e cenários diversos, como por exemplo um ambiente de suspense”. Dessa forma, são nítidos os efeitos sonoros nas narrativas em análise, em *A Bela e a Fera* e *A Flautinha Encantada*, que sonora, percebe-se que ela está bem evidente em *A Flautinha Encantada* e também na *Amizade na Selva*, já as outras peças radiofônicas, a paisagem sonora é inexistente. Gaspar (2012, s/p.), ancorado em Schafer, afirma que “os sons são responsáveis por uma representação singular de determinados ambientes acústicos e, por consequência, pela impregnação de sentidos no lugar.” O autor ainda acrescenta que “direcionar a atenção para o estudo da Paisagem Sonora é ressaltar a importância da constituição sonora dos lugares.” Neste caso, a paisagem sonora construída em *A Flautinha Encantada* e *Amizade na Selva* reforça o que Magalhães (2010, s/p.) assegura quando afirma que “a paisagem sonora pode ser qualquer

porção do ambiente que possui som”. A autora alega que “a paisagem sonora mundial deve ser considerada uma imensa composição musical soando incessantemente à nossa volta.” A atenção voltada para a paisagem sonora é uma forma de desenvolver a percepção auditiva e a identificação de suas características, retratam o clássico da dramaticidade das cenas, enquanto no *Amizade na Selva* sugere, perfeitamente, o ambiente de selva mesmo, e no *Quebra Nozes*, pode-se mergulhar no ambiente natalino. Porém, em *A Voz da Lagarta* os efeitos sonoros são bem discretos e no conto *Os dois filhos do viúvo* eles não existem. Nota-se que de fato, os efeitos sonoros contribuem para estimular a imaginação, pois como afirma Robert Mcleish, o rádio é um meio cego. E de acordo com Nghiem (2018, p.65), “os sons, os ruídos e as músicas foram sistematicamente estudados em laboratório” e com uma análise criteriosa, descobriu-se que os sons, os ruídos e as músicas, ou seja, os efeitos sonoros “podem produzir angústia, tristeza, alegria, sentimentos de perseguição, reações orgânicas como náusea e vertigem, ou estado de depressão com tendência suicida”. (NGHIEM, 2018, p. 65) Assim sendo, os ruídos e os efeitos sonoros que os representam, contribuem diretamente no desenvolvimento infantil, pelo fato de gerar as sensações acima mencionadas.

A questão do silêncio que Vianna (2020, p.7) classifica como um elemento importante da peça radiofônica, aparece propositalmente em: *A Bela ea Fera*, *A Flautinha Encantada*, *A Voz da Lagarta* e no *Quebra Nozes*. Na *Amizade na Selva* não aparece, até porque é praticamente impossível ter silêncio na selva. E no *Programa Maritaca* em si, também não possui, pois geralmente, o programa radiofônico apresenta a valorização do BG, porém, dentro das histórias que ele traz, pode haver o silêncio sim, como de fato há na história natalina. Ao ressaltar a importância do silêncio usado propositalmente dentro da peça radiofônica, vale a pena lembrar que para Schafer, (2009, p.13), “a escuta se dá em um processo contínuo, queiramos ou não, mas o fato de termos ouvidos não garante sua competência.” O autor acrescenta que “nada é tão básico quanto a educação dos sentidos e, entre eles, a escuta é um dos mais importantes.” O que Schafer (2009, p.13) afirma vem ao encontro da importância do silêncio dentro da peça radiofônica, pois não se trata de um silêncio sem sentido, que não fale nada, pelo contrário, somente quem de fato escuta, consegue ter a percepção daquilo que o silêncio quer falar. Inclusive, Nghiem (2018, p. 61) esclarece um pouco sobre um possível distúrbio nas crianças, pois elas podem não ter a eficácia da escuta por uma trauma

ou bloqueio, dessa forma, elas ignoram aquilo que é falado e não possuem uma percepção auditiva eficiente, pois demonstra falha na recepção da mensagem.

Percebe-se que todos os elementos componentes de uma peça radiofônica possuem valor único para contribuir com a criatividade e a construção das imagens na mente do ouvinte, pois é o conjunto desses elementos que faz com que o desenvolvimento aconteça. Os elementos que compõem uma peça radiofônica são capazes de gerar sensações e emoções, e também de envolver os ouvintes no contexto da narrativa, quanto mais harmônicos e bem utilizados esses elementos, mais aumentam as possibilidades de fazer a imaginação fluir e de potencializar os desenvolvimentos de áreas intelectuais, emocionais e sociais da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios atuais, este trabalho resgata uma nova possibilidade de contribuir com o desenvolvimento da criança, pois as peças radiofônicas, assim como outros estímulos auditivos, possuem um valor único para a criatividade, a oralidade e para o imaginário, não só das crianças, mas de todo aquele que escuta com atenção.

Ao analisar as peças radiofônicas foi notório a riqueza dos dados linguísticos e sonoros que cada uma traz em si. A riqueza dos textos construídos, dos detalhes que envolve os cenários e os personagens, faz com que o vocabulário seja abrangente. Já os efeitos sonoros, os BGs, a paisagem sonora e toda a trilha sonora que envolve cada narrativa colabora de forma muito efetiva no desenvolvimento da percepção auditiva, assim como na capacidade de criar e imaginar.

Compreender a importância das peças radiofônicas no desenvolvimento da criança e perceber que a estimulação auditiva favorece a evolução do imaginário e o desenvolvimento cognitivo, colaborando para uma mudança de mentalidade, pois as crianças são dotadas de potencialidades que vão muito além da compreensão de um adulto, pois dotadas de uma graça sobrenatural, elas absorvem tudo a sua volta e desenvolvem um raciocínio inquestionável.

Foi necessário ter noção de alguns conceitos básicos de produção, locução, efeitos sonoros, trilha sonora e paisagem sonora para descobrir a beleza e a capacidade, que uma peça radiofônica tem de estimular o imaginário. Saber que uma peça radiofônica se tem uma história com início, meio e fim, em que aparecem conflitos e soluções, resgata a criatividade e a curiosidade para descobrir o desfecho.

Os efeitos sonoros por sua vez, valorizam a dramaticidade do texto e criam o efeito sugestivo a quem escuta, pois eles possuem a capacidade de envolver o ouvinte de tal forma, que os sentimentos e as sensações são alteradas, como por

exemplo a sensação de estar em meio às festividades natalinas, devido os efeitos sonoros, como os exemplificados através do conto Quebra Nozes.

A paisagem sonora pode passar despercebida se o ouvinte não tiver uma boa percepção sonora, pois a mesma pode ser mais discreta ou mais intensa. Ela é uma das responsáveis em definir o ambiente. É praticamente impossível não se sentir na selva com a paisagem sonora apresentada pelo Amizade na Selva. Percebe-se que a paisagem sonora é indispensável para a produção de uma peça radiofônica, principalmente se esta for para o público infantil, que em plena fase de desenvolvimento só precisa de estímulos auditivos para que a imaginação e a criatividade ganhem espaço ilimitado dentro de si.

O ser humano é muito complexo e cheio de mistérios, de fato, o desenvolvimento de uma criança não é padronizado. Ele sofre variações e cada um tem seu ritmo, e sua forma particular de desenvolver-se. Porém, nota-se que a leitura, a música e a escuta de peças radiofônicas contribuem no processo de aprendizagem, uma vez que são estímulos auditivos fundamentais para desenvolvimento da criança, seja ele físico, intelectual, social ou emocional.

Diante destas descobertas, o trabalho visa propor ao meio acadêmico e social o resgate das peças radiofônicas infantis, para proporcionar o desenvolvimento infantil em todos os aspectos, ela também resgata os laços afetivos no seio da família, pois naturalmente, desperta a curiosidade da criança e a mesma pergunta aos pais, a fim de saciar sua necessidade de relação entre o som, do texto falado ou do som produzido e seu respectivo significado.

Os tempos são difíceis, mas nunca é tarde para colaborar de forma significativa no desenvolvimento do futuros adultos.

## REFERÊNCIAS

- A Bela e a Fera** - Coleção Disquinho. 1960. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=tCrIWR\\_RUZ8&list=PLBD47852D972158A4&index=26](https://www.youtube.com/watch?v=tCrIWR_RUZ8&list=PLBD47852D972158A4&index=26)> Acesso em: 13 maio 2020.
- A Flautinha Encantada** - Coleção Disquinho. 1960. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=rmnJUjVyQ\\_Q&list=PLBD47852D972158A4&index=29](https://www.youtube.com/watch?v=rmnJUjVyQ_Q&list=PLBD47852D972158A4&index=29)> Acesso em: 13 maio 2020.
- Amizade na Selva** - Me conta uma história (Alunos FCN). 2018. Disponível em:  
<<https://soundcloud.com/user-783069111/1-me-conta-uma-historia?in=user-783069111/sets/me-conta-uma-historia>> Acesso em: 10 ago. 2020
- ARANHA, Maria Lúcia A. R. **Desenvolvimento da criança na creche**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- A voz da Lagarta** - Era uma vez um Podcast. 2020. Disponível em:  
<<https://eraumavezumpodcast.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2020
- BANDONI, Gabriela. **Tudo sobre o sistema auditivo humano**. Disponível em:  
<<https://www.direitodeouvir.com.br/blog/tudo-sobre-sistema-auditivo-humano>>. Acesso em: 26 set. 2020.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre, RS: Artmed Editora Ltda, 2002.
- CASTRO, Heloiza. **Arte no desenvolvimento infantil: as 4 fases de piaget**. 2019. Disponível em:  
<<https://belas.art.br/arte-no-desenvolvimento-infantil-as-4-fases-de-piaget/>>. Acesso em: 24 out. 2020.
- CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.
- CUNHA, Adriana Vieira. **A Importância Da Leitura Infantil Para O Desenvolvimento Da Criança**. 2020. Disponível em:



<<https://monografias.brasescola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-leitura-infantil-para-desenvolvimento-crianca.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

DUARTE, Bruna da Silva; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **Desenvolvimento infantil**: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil. 2013.

Disponível em:

<[http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABE RES%20E%20PRATICAS/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf](http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABE%20RES%20E%20PRATICAS/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2020.

EDUCA MUNDO. **Locução e sonoplastia**: 7 tópicos e dicas para fazer carreira na área. Disponível em:

<<https://www.educamundo.com.br/blog/locucao-sonoplastia-curso-online>>. Acesso em: 26 set. 2020.

FERREIRA, Danielle. **A importância da música na educação infantil**. 2002.

38 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialista em Psicopedagogia) - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/7058178-A-importancia-da-musica-na-educacao-infantil.html>> Acesso em: 11 jul. 2020.

GASPAR, Raphael. **Paisagem Sonora Parte I**: definição e considerações iniciais. 2012. Disponível em:

<<http://expurgacao.art.br/paisagem-sonora-parte-i-definicao-e-consideracoes-iniciais/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

HELERBROCK, Rafael. **O que é som?** Disponível em:

<<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/o-que-som.htm>>. Acesso em: 26 set. 2020.

IDADE EM MOVIMENTO. **Desenvolvimento Humano**. 2013. Disponível em

<<https://idade-em-movimento.webnode.pt/news/desenvolvimento-humano/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MASERA, Tatiana Costa. **Desenvolvimento Infantil De Zero A Três Anos**

Disponível em:

<<https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/pedagogia/desenvolvimento-infantil-de-zero-a-tres-anos.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**: Um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO. **Oficina de Rádio**: Como fazer rádio. Disponível em:

<[http://www.usp.br/nce/midiasnaeducacao/oficina\\_radio/fazer\\_radio2.htm#:~:text=%C3%89%20a%20arte%20de%20dar,a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20imagem.](http://www.usp.br/nce/midiasnaeducacao/oficina_radio/fazer_radio2.htm#:~:text=%C3%89%20a%20arte%20de%20dar,a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20imagem.)>. Acesso em: 25 set. 2020.

MONTESSORI, Maria. **Mente Absorvente**. 1984. Disponível em:  
<[https://www.academia.edu/43437576/MARIA\\_MONTESSORI\\_MENTE\\_ABSORVENTE](https://www.academia.edu/43437576/MARIA_MONTESSORI_MENTE_ABSORVENTE)>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MUNDO DO ABC. **Fases do Desenvolvimento Infantil (0 a 6 anos)**. 2017. Disponível em:  
<<http://www.mundodoabc.com.br/blog/143-fases-do-desenvolvimento-infantil-0-a-6-anos>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

**Natal** - Programa Maritaca. 2019. Disponível em:  
<<https://www.programamaritaca.com.br/programa>>. Acesso em: 13 mai. 2020

NGHIEM, Dr. Minh Dung. **Música, inteligência e personalidade: o comportamento do homem em função da manipulação cerebral**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018.

OLIVEIRA, Ana Clara. **Poemas para alfabetização: a importância das rimas no aprendizado infantil**. 2018. Disponível em:  
<<https://leiturinha.com.br/blog/a-importancia-das-rimas-no-aprendizado-infantil/#:~:text=As%20rimas%20s%C3%A3o%20excelentes%20para,sons%20que%20comp%C3%B5em%20as%20palavras.>> Acesso em: 20 nov. 2020.

PEDRINI JR, Clovis. **O que é Semiótica**. Disponível em:  
<<https://medium.com/@clovispedrinijr/o-que-%C3%A9-semi%C3%B3tica-1c1b7a6a4592>>. Acesso em: 27 set. 2020.

PENTEADO, J. R. Whitaker. **A técnica da Comunicação Humana**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

PENZANI, Renata. **Maritaca: um programa de rádio todo pensado para as crianças**. 2016. Disponível em:  
<<https://lunetas.com.br/maritaca-um-programa-de-radio-todo-pensado-para-as-criancas/>>. Acesso em: 23 maio 2020.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Efeitos Sonoros**. Disponível em:  
<<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/moda/efeitos-sonoros/71842>>. Acesso em: 22 set. 2020

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento Infantil: 0 a 6 anos**. 2014. Disponível em:  
<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/desenvolvimento-infantil/54545>>. Acesso em: 24 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Estágios do Desenvolvimento para Erik Erikson**. 2013. Disponível em:  
<<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/estagios-do-desenvolvimento-para-erik-erikson/33333>>. Acesso em: 24 out. 2020.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RAMIRES, Mirela Cordeiro. **Programa Radiofônico Infantil**. 2017. Disponível em: <<https://silo.tips/download/programa-radiofonico-infantil>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

RAMOS, Karen Vieira. **Entre a Paisagem Sonora e a Construção Do Personagem: o Sentido no Filme Temporada**. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112103.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SBP, **Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**. 2016. Disponível em: <[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SCHAFER, Murray. **Educação Sonora: 100 Exercícios de escuta e criação de sons**. Tradução de Marisa Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SOU MAMÃE. **O que influencia no desenvolvimento da linguagem?** 2017. Disponível em: <<https://soumamae.com.br/o-que-influencia-desenvolvimento-da-linguagem/>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

TOMALUSKI, Adrieli. **Desenvolvimento Intelectual Da Criança Na Educação Infantil**. 2016. Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/cursos/arq\\_trabalhos\\_usuario/3014.pdf](http://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/3014.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2020.

VIANNA, Graziela Valadares Gomes de Mello. **Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo**. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1705.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1705.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2020

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.